

LUIZ DELFINO

Íntimas

Aspasias

1935

IRMÃOS PONGETTI, EDITORES
Avenida Mem de Sá, 78 — Rio

LIVRARIA



Rua 15 de
S.

mu
g



INTIMAS E ASPASIAS

MARIO DE ANDRADE

<i>5</i>	<i>77</i>
<i>+</i>	<i>25</i>

Desta edição, imprimiram-se 5
exemplares em papel "Antique"
numerados.

DO MESMO AUCTOR:

PUBLICADAS

Algas e Musgos — Editor: Pimenta de Mello & C.
— Rio.

Poemas — Editor: Jornal do Commercio — Rio.

Poesias Lyricas — Editor: Companhia Editora Na-
cional — São Paulo.

LUIZ DELFINO

Íntimas e Aspásias



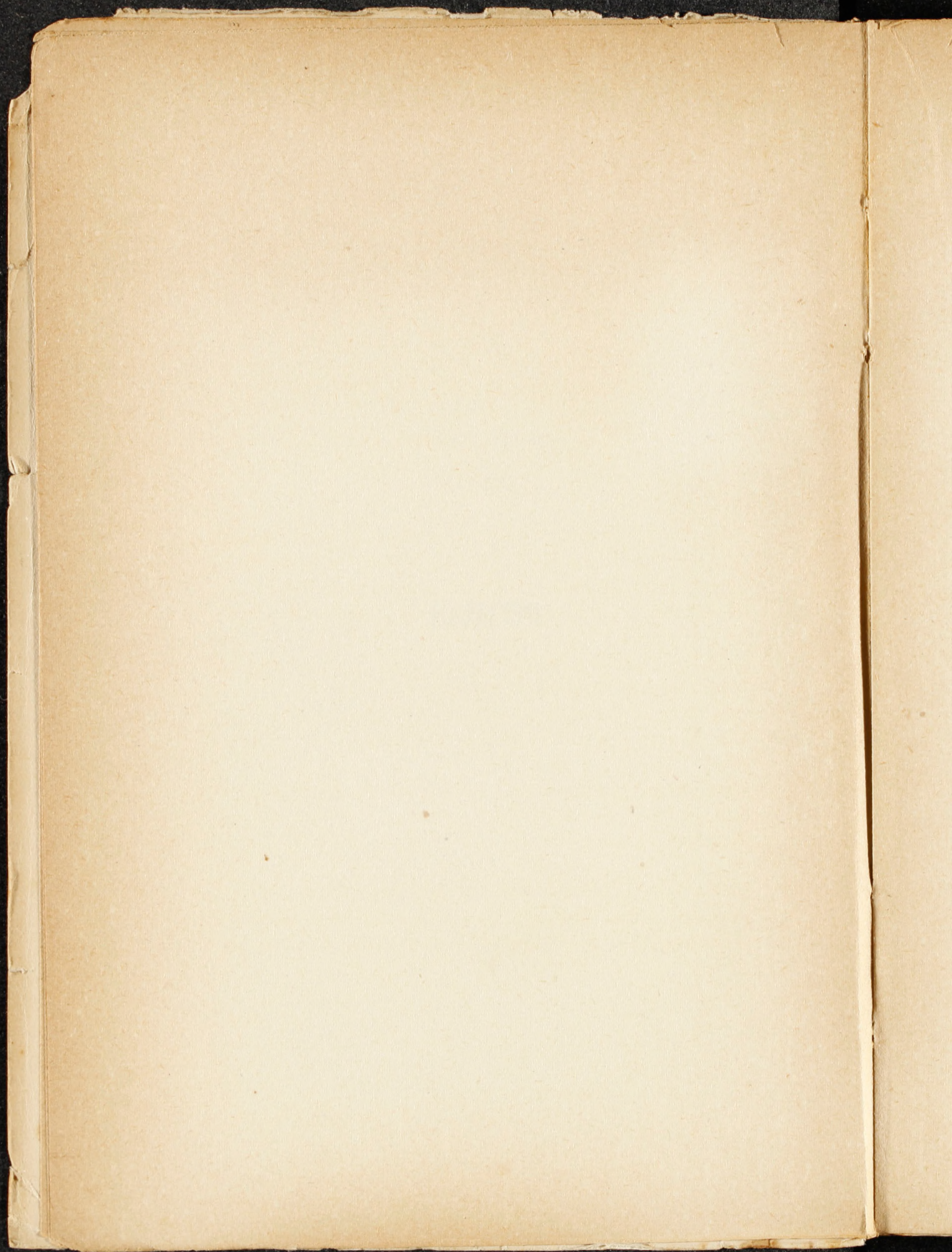
1935

IRMÃOS PONGETTI, EDITORES
Avenida Mem de Sá, 78 — Rio

1531

MA
869.9149
D349L

INTIMAS



INVASÃO DO INFINITO

Ambiziosi miei folli pensieri...
Metastasio — Demetrio

Olha... Ouves meu hymno, o hymno eterno, o hymno
Que a esphera rasga, e ascende, e entre as estrellas fica
Como outra estrellas, que teus passos magnifica,
E' encima a ode immortal do teu nome divino?

Ouves?... Não sabes?... Nesta obra eu lido e me obstino:
Babylonia de sons atiro aos astros, rica
De faustosos vergeis; — um trecho peregrino
De universos o amor idealisa e fabrica.

Sois della, orbes de luz, cathedraes de harmonia
Em pedaços de céu, feérica arcaria
De volatas, que o ar recorta, e que o infinito

Toma nos turbilhões sidereos dos seus braços,
Ante os quaes Deus recúa e busca outros espaços,
Vendo os soes de outro Deus e a invasão de outro mytho!...

AB OVO

Ella cravou-se em mim de annos sem conta,
Como a estrella polar pregada á esphera,
Cujo olhar d'oiro verde á noite aponta,
Que ninguem vêr dalli mudada espera.

Eu, quem já fui? — Não sei. — Ella, quem era?
Não sei. — Minha alma a ideal mudez affronta:
Sobe: a cifra, hippogrypho enorme monta:
Volta, e diz: — Foi talvez na primavera!

Riam, com ella a rir, os lyrios. — Onde?
Quando? Em que dia e mez? Não sei: ignoro.
Pois della o Tempo, um dedo á bocca, esconde

Terra, paiz, logar, pae, mãe, e toro...
Mas eu bem sei, já que ninguem responde:
— Desde que houve mulher, a vi, e a adoro...

AND MORE, MUCH MORE...

A pedra estruge... rum... pára a berlinda:
Desço, os corceis soffreados: — entro: — um jôrro
Ougo d'agua a clacar no tanque; infinda
Foge a alamêda; rapido um cachorro

Vem, resmoneia, late: — afago-o — Corro
A casa toda; a casa toda é linda,
Tem perto o mar, não muito perto o morro...
Mas tu... não 'stavas tu lá dentro ainda.

Que rumor alvo e olento o sol fazia
Pelos quadros da sala; e que alegria,
O louco! em tórno a um marmore da Milo.

O Paros bom, a copia san, correcta...
Faltavas tu, porém, alma do poeta,
Para dar luz á luz de tudo aquillo...

FEVER

Entrei: e ouvi uma harmonia doce,
E um silencio tão baixo, e assim tão triste,
Como se tudo ajoelhado fosse:
Na mesma posição fiquei: tu viste.

E ao vêr-me então na sala, te sorriste;
Do riso teu meu coração banhou-se;
E quando logo a persiana abriste,
De pedras d'oiro todo o chão calçou-se.

Beljei-te a mão, e achei-a arida e quente,
E acompanhei a sala descontente
No mudo threno, em que ella te embalava.

Vinha das cousas trêmulo soluço;
E a voz dormia á sombra do teu buço,
Num leito onde ha só perolas e lava.

IN HER BOOK

Ella andou por aqui; andou. Primeiro,
Porque ha traços de suas mãos; segundo,
Porque ninguem, como ella, tem no mundo
Este exquisito, este suave cheiro.

Livro, de beijos meus teu rosto inundo,
Porque dormiste sob o travesseiro
Em que ella dorme o seu dormir, ligeiro
Como um somno de estrella em céu profundo.

Trouxeste della o olor de uma caçoula,
A luz que canta, a mansidão da rôla
E esse extranho mexer de ethereos ninhos...

Ruflos de asas, amoras dos silvedos,
Frescuras d'agua. sombras e arvoredos
Dando séca aos rosaes pelos caminhos...

LUIZ DELFINO

EXTRA MUROS

A tarde d'hontem!... Longe da cidade,
Eu a esperava á porta do Passeio:
Quando via ir chegando um carro: — ha-de,
Pensava, ser o carro em que ella veiu.

Não era. — Então ficava em novo enleio:
Cada momento era uma eternidade;
E entre a esperança, a duvida, o receio,
Que inquietação, que angustia, que ansiedade!

Mas de repente o rapido ginete
Mstaca, o phaeton pára, as longas clinas
Sacode o poney fino e cõr de leite:

Sae a deusa: o sol ri, e das collinas
Rola-lhe aos pés a luz, como um tapete
Que ella esgarça na ponta das botinas...

O CARTÃO

Vem; mais nada: o cartão, e um nome casto...
E, — sabem? — logo vi não sei que monte,
Dos visos delle as curvas do horizonte,
E em tórno tudo azul, azul e vasto.

E fui. — A branca, a rosea espuma afasto,
Do que senti; nem sei como isso conte;
Disse, em vulções de perolas a fronte:
— Como estão vendo os soes, que aos pés arrasto! —

Chego e murmúro: — Em nuvens d'oiro assomo,
Rolo de um astro, ou desço de um engano?
Por um oasis a miragem tomo? —

Ella ria-se; e o olhar divino e humano
Pairava em cima de minh'alma, como
A lua em cima d'agua do oceano.

LUIZ DELFINO

SIGNAES DE LOBO

A alcova canta a estrophe duma trova,
Emquanto um grave crime extranho espia:
No rir, no gesto ella ha de achar a cova
Em que esconde o esqueleto da alegria.

O tecto, o leito, os moveis á porfia
Buscam em mim qualquer ligeira prova;
E cada olhar, coveiro mau, renova
Pesquisa cruel, tyranica, sombria.

Tu 'stás um pouco reclinada: o seio
Parece arfar de dôr, e arfa de enleio;
Vae-te bem o pallor: a luz no globo

Dorme com sobressaltos de scentelhas;
E anda por tudo um fremito de ovelhas,
Que ouvissem perto alli vir vindo um lobo.

PREFERENCIA

Na joia de uma estante pequenina
Tinha na alcova os livros, que escolhia:
E a branca mão de Phidias estendia
Para tomar um delles; imagina:

Ante o esplendor daquella mão divina,
Que outro livro ler mais alguém podia?
Lel-os ella, era ouvir cantar o dia,
Era ouvir ler a graça peregrina.

No oiro da voz andava ou Dante ou Homero:
E eu a escutava preso, attento, e mudo,
E dizia-lhe após, já triste e austero:

— Quanto mais te ouço e quanto mais estudo,
Sinto que o mesmo céu e o sol não quero,
Que um beijo teu é que prefiro a tudo. —

LUIZ DELFINO

ONLY

... della todo me enchi...

Bernardim Ribeiro — Romance

Seu leito lindo; a cama alva e faceira,
Branca de espuma, fresca como um rio,
Tendo por cima o eterno murmurio
De uma alma de mulher bella e solteira.

Junto á sua ottomana uma cadeira;
Cortinas leves de alvejante fio;
Livros aqui e alli, e o calafrio
Do silencio na sua cabeceira.

Em duas jarras, rosas, bem cuidadas,
Ridentes, fulvas, lucidas, molhadas...
A mobilia riquissima e singela...

Um cheiro de mulher cobrindo tudo...
E eu sósinho, inquieto, afflicto, mudo,
Loucamente abraçando a sombra della...

PER TACITUM NEMUS

Tu não querias... eu também não tinha
Vontade d'ir (falava-se em passeio)
Senhoreava-te um mêdo... um tal receio...
Egual talvez á propria angustia minha!

Mas tudo foi... Emquanto se caminha,
Ouço-te o coração bater no seio:
E numa volta abrupta, entrando a linha
Do laranjal, disseste-me: — Emfim veio!...

Como minha alma então ficou mais louca!
Oh! que luar cahia na esplanada!
'Stava tão doce a voz do mar que é rouca!

Guardo a memoria toda enluarada
Do instante em que te puz um beijo á bocca,
E do ai que deste, trêmula, assustada!...

LUIZ DELFINO

CULTO SOLITARIO

Não quero que ninguém nos olhe e veja:
Põe lá fóra esta luz; que fique á porta:
Cerrada a casa, como casa morta,
Cheia de sombras só, como uma igreja.

Aquelle vaso... a flôr que alli viceja,
(Olha, a ventura a inveja não supporta)
Deve sahir: o mais, que nos importa?
Solemne noite o leito nos proteja.

Emquanto só aqui contigo exulto,
A minha bocca encontra a tua bocca,
Trêmulo palpo o teu marmoreo vulto.

Será da terra e céu a influencia pouca
Para impedir que em paz ao amor dê culto
Um louco atado á mais divina louca...

PALLIDA LOURA

Oh! esta... era de um louro esplendoroso,
De olhos meigos, azues, crepusculares,
Crespo de raios, como o azul dos mares,
Quando o sol bate nelle inda em repouso.

De uma brancura de jasmin sedoso,
Como envolta de aromas singulares:
Ninguem adivinhava os seus pezares;
Ninguem... nunca lhe soube o fundo ao goso.

Nunca a dôr lhe enturvou o rosto lindo;
Nunca disse a ninguem o que almejava;
Viam-na sempre pallida e sorrindo...

A's vezes, quando estava só, rezava:
E acaso alguem, que um dia a achou dormindo,
Viu-lhe um rosario, que entre as mãos rolava...

LUIZ DELFINO

SICUT IN ARA

No gradil, que ante a porta se elevava,
Guardando o estrada (era uma precaução)
Uma só rosa de roseira brava
Ardia... Era tão rude o inverno então!

A roseira em mil voltas se enredava;
Naquella ingrata e humida estação:
Vento, chuva; o sol vinha, o sol voltava;
Toldava a inutil herva em tórno o chão.

Da porta em meio, como uma figura
De santa em nicho, á frente de uma ermida,
Deixada ao tempo, via-lhe a brancura.

Tinha o pallor do marmore sem vida...
E o ardor do sol, que nelle se mistura,
Mas... sem nunca lhe dar a côr perdida.

VIVA-MORTA

Ouvem? Não ouvem?... Bom: o ultimo prego!...
Feito é o caixão; deitaram-n'a: — inclinou-se:
Eis tudo extinto: e o seu olhar tão doce,
Luz... quer luz. pede luz, immovel, cego...

Vi-a cahir, rolar... Que dör!! Não nego:
Curva a bonina um osculo de fouce!...
De lagrimas, Amor, teu corpo rego,
Como se elle só meu, não doutros, fosse.

Adeus. Perdi-te: que fazer? — Chorei-te.
Tudo acaba. Houve em epocas recentes
Uma mulher de marmore e de leite,

Que os dias meus doirava aos soes mais quentes,
E um sol metia em cada riso... accente
Essa o meu pranto: essa morreu. — Não sentes?!...

LUIZ DELFINO

COME IN

Como um ruflar das asas fugidias
De um bando de invisiveis rouxinoes,
Como uma vaga sombra de harmonias,
Estava a sala cheia, e a um tempo a sós.

Abriu-se a porta, entrei... e tu sahias,
Deixando o abysmo incognito entre nós...
O piano aberto, e a musica que lias,
Tinham ainda o olor de tua voz.

Numa emoção febril, e tiritando,
Passeei distrahido a sala em roda
Um as gravuras usuaes olhando;

Sem vêr, dez vezes percorri-a toda...
Até que num luar surgiste, ondeando
Na mortal pallidez de Ophelia douda!...

OS DOIS LUARES

Era esplendida a noite: e alli ness'hora,
Como cerrando a palpebra um momento,
O ambiente morno adormecia ao vento,
Como suspensa em rede aurea de aurora.

Ella doente o leito deixa embora,
E atravez das vidraças e ao relento,
Que as esfriava, foi haurir alento
Na festa que ia pelo céo em fóra.

Por seus jardins passava áquelle instante,
Quando vi o seu pallido semblante,
E erguida a fronte para o azul dos ares...

Pairava o anjo da dôr na face sua;
E então de luz tudo inundava a lua:
E arfei preso ao clarão dos dois luares...

LUIZ DELFINO

PEROLA E AURORA

E como estava nua a sua argilla,
Pingava luz em livida scentelha;
E a Aurora, a sua linda irmã vermelha,
Fitando nella a lucida pupilla,

Donde um suave pranto irrorra, — ajoelha,
E em cada cílio a gotta, que scintilla,
Astro infante, a brincar alli, semelha,
Emquanto o céu de puro azul se anila;

Como um amante envolve a amante em beijos
Ella envolvendo-a em luminosa auréola,
Nascer fazia o vago dos desejos.

E, — 'stás tão branca, lhe dizia, ó! Cerula;
Deixa avivar-te á luz dos meus lampejos,
Dar mais quentura ao teu pallor de perola... —

TO HONEY

Quando sahi dos lyrios do teu selo,
Como quem sae das rosas do infinito,
Tremia de terror e de receio,
Que se ouvisse o silencio do meu grito...

Canto de amor, de embriaguez, de enleio,
Ouvia o proprio ar cantar-me afflicto!...
E Deus irado, e a rir, tirava... eu creio...
Astros novos de luz de um tal delicto:

Como as Madonas Virginaes de Rubens,
Soes ao lado, por cima e em baixo nuvens,
Um céo azul em cada olhar em calma;

Muitos soes nesse olhar... naquelle instante
Junto de ti, Madona fluctuante,
Entre nuvens e soes era minh'alma!...

LUIZ DELFINO

OU NO CÉO OU NO MAR

Ir para ella assim, é pouco ainda:
Como uma aguia buscar o sol parece,
E vôa, e além no céu desaparece,
Sem se lhe vêr se o vôo ou paira ou finda.

Não me lembra se foi gentil, se é linda,
Sei só, que ao vê-la, o meu desejo cresce:
Eu não lhe faço alguma inutil prece,
Eu não lhe digo: — Sejas tu bemvinda.

Se anda-me a terra e o céu em tórno, a rôdo
Sinto o ar frio, e ao mesmo tempo quente.
Quero tudo deixar, e como um doudo...

Ir só de um salto grande, e de repente
Cahir, metter-me dentro della todo,
Como dentro do mar mergulha a gente...

ANDANDO PARA O INFINITO

Sou aos teus pés, como o areal sedento:
A agua toda do céu nunca o sacia;
E póde, a noite remendada ao dia,
Cahir-lhe de pancada, ou lento e lento.

Sou um faminto a precisar sustento,
Sempre a febre, que o forno accende e cria,
Morda-lhe o seio esplendido e opulento,
Beba-lhe á bocca, um cyatho, a ambrosia.

O meu amor trabalha em refazel-a,
Quando a gole ou de vez a vou haurindo...
Creio que engulo estrella sobre estrella,

Feita das carnes do seu corpo lindo:
Já não me afundo em céos: — para contel-a,
Sinto o infinito em mim abrindo... abrindo...

LUIZ DELFINO

DIALOGO

Melancholico, eu hontem te dizia,
(Olha: — 'star triste, em mim é 'star contente)
— Que todo o céu, e o que elle tem queria,
Por te calçar com elle o chão sómente,

Como á Virgem fazer nos quadros via,
Entre estrellas, e a lua no crescente. —
A' luz de um riso, que em teus olhos ria,
Disseste: — Falta: esquece-lhe a serpente. —

Sim, eu quero isso tudo um só instante,
E entre os soes e o luar do teu semblante,
Vêr que em ti a Madona se renova:

Pouco e pouco ir perdendo os meus sentidos,
E entre os aroma subtil dos teus vestidos,
Achar, na cova dos teus pés, — a cova.

VAGA

Vaga é o seu nome; o dessa creatura
Feita de um talho de nascente Aurora,
Branca... mais branca do que a neve pura,
Do que a neve que os pinaros decora.

E' irmã della o Abysmo. — Azul em fóra
Passa, movendo as asas, na brancura
Do amplo espaço, que esplende, e se abre agora,
Ave, que o vôo embalde o olhar procura:

fão alto vae, que o céu emfim termina
Por fundil-a comsigo ao proprio seio,
No seio azul de sua luz divina.

Volta, depois do longo devaneio,
Busca-me, e aos hombros calma a fronte inclina...
Acha em mim céos azues tambem? — Dizei-o...

LUIZ DELFINO

LAETITIA

Morre: ninguem te ha-de querer tão fria,
Nem contigo dormir no mesmo leito;
Ninguem mais ouça, dentro do teu peito,
Bater-te o coração como batia.

Na tua alcova ha de cantar o dia;
E o ninho, onde implumou teu corpo, feito
Do que o céu tem de bom e ha de harmonia,
Fique a extranho ludibrio emfim sujeito.

Leva contigo a luz da tua aurora,
Leva a cruz branca dos teus braços, corta
Tudo que a ti me prende e vae-te embora.

Como és bella inda assim!... isso que importa?
Emquanto em tórno tudo é triste e chora...
Oh! que alegria eu sinto em vêr-te morta!...

NAS ASAS DO DRAGÃO

Vamos. — Arfa o dragão de ferro, espuma, anseia,
Sopra, bufa, sibila, uiva, estende anhelante
No ar, que enrola de fumo, as asas de gigante,
Mas presó e manietado á indomita cadeia.

Ouve: fuge do sol; o sol faz mal; golpeia
Com venabulos de ouro e pontas de diamante,
Que não-de manchar de certo a translucida teia
Dessa pelle alva como um bysso deslumbrante.

A' sombra: bem. — Agora olha em frente a garganta,
E a serra, que outro serra ás espaduas levanta:
Por nós um grande mundo em retalhos fluctúa.

Olha o valle, olha o rio, olha o risco da estrada:
Espera-nos, ao fundo, a casa alvoroçada...
Espia-te, agarrada ás arvores, a lua...

NUNC VICTI

Foi. — Quando eu descansava no teu seio,
Dos olhos teus á sombra, era um contento,
Era um íntimo gôso, um vago enleio,
Bebido gole e gole, e lento e lento.

Todo em ti me afundava, como o vento
Pelo céu dentro a afflar, num vão gorgelo,
Asas leves e azues, de azues sedento...
Lembras-te, eu sei; — has-de lembrar-te, eu creio.

Temos na roupa um cheiro e um pó de aurora!...
Se é de hontem... e já teu beijo o meu pranteia,
E o meu, viuvo do teu, faminto chora...

Que dôr' mas vae buscar teu corpo, e cheia
Vem delle, e saibos traz, que eu sei... E agora?
Ai! um mundo entre nós num grão de areia!

CARGA TITANICA

...amata diu!
Propercio — Elegia

Que universos, ao tel-a, em mim carrego!...
Se tomo os seus cabellos e desfaço-os,
Chovem raios de estrellas dos espaços,
Numa abobada d'oiro os olhos prego.

Vendo o nimbo que a envolve, alheado e cego
Creio em mundos bater, movendo os passos;
Para não me perder, nas mãos lhe pego,
E ato ao meu collo os seus dois niveos braços.

Pesa o infinito a esplendida corrente!
Ha dois céos, o que eu sinto, e o que ella sente,
Deuses que ella semeia, e soes que eu crio:

O ambiente cheira; a luz tem luz mais pura...
Ella ri, ella chora de ventura:
Ai! tambem de ventura eu choro, eu rio!

LUIZ DELFINO

DUAS METADES DO CÉO

Tu mettes entre as tuas mãos bemditas
A esfera azul, que tímida sacodes:
E o tinir das estrellas infinitas
Tem a harmonia musical das odes.

Nellas conter um passaro não podes,
E, rindo, ás nuvens os teus olhos fitas:
Hão de buscal-as, sim! não te incommodes,
Que os soes são pombas d'oiro, a luz são fitas.

Como já fulgem de incendida aurora!
Vestem-lhe as curvas anilada gaze:
Vê: metade do céu lá dentro mora.

Andas num luxo oriental de phrase,
Numa pompa olympiaca e sonora,
Que é a outra metade... outro céu quasi!

FOR A TIME

Soes, podeis ir, comvosco eu mais não mexo:
Descei, ide brilhar n'outras esferas...
Minh'alma, agora... agora enfim, que esperas?
Como foi prompto o lugubre desfecho!...

Que largos céos azues doirados deixo,
Bordados de riquissimas chimeras!...
A solitaria estrella alli tu eras!...
Deuses, não... não de vós, de mim me queixo.

O ultimo raio d'ouro em ti só tinha,
Naquelle olhar divinamente terno
Idyllo bom, que embala a quem caminha.

E eu que julgava este meu sonho eterno!...
Fugiu do céu a ultima andorinha!...
Era possivel vir tão cedo o inverno?!...

ATLANTE

Por que sou triste? — Esmaga um globo Atlante;
Pesa-me aos hombros o universo; e penso
Que a tristeza, que scisma em meu semblante,
E' a sombra, é o echo desse mundo immenso.

Olha: como enche um templo, em rôlo, o incenso,
Todo um céu se ennevôa; — e além, distante,
Fora, por cima, ao longe, ha sempre o iriante
O puro espaço, o espaço azul suspenso.

E o universo, que levo, és tu. Exprimas
Num só beijo, em que soes dentro em mim vazas,
Num riso bom de amor, com que me animas,

O amor, com que de amor maior me abrasas...
Não ouves logo a dança astral das rimas,
No rumor d'oiro dumas grandes asas...

ORATORIO

A minha longa noite, eterna noite escura,
E' um fundo de quadro em que ella me apparece
Como uma estatua, que symbolizando a prece,
Tem todo o oihar azul do céo sobre a esculptura,

Mettida nessa treva essa branca figura,
Um extranho fulgor d'astro novo a enaltece,
O espaço abre-lhe o espaço, ella crescer parece:
Nella a piedade é nimbo, o riso illuminura.

Só vejo a luz que o seu divino corpo gera;
E o ar, que hauro, e o meu sangue ou pricipita ou calma,
E' do que aroma e accende a sua primavera.

Das ondas do seu seio, ilhas cheias de palma,
Mundos novos de amor vêr levantar-se, espera,
Aos seus cabellos d'oiro agarrada, minha alma...

AND MORE...

Quando um dia tristissimo e cinzento
Da muita nevoa, que no céu havia,
Quasi á beira da noite, (e era tão fria,
Que era um ninho de pennas o aposento)

Eu te pedi que fôsses um momento
Ver como a luz sangrenta inda escorria
Longe, do flanco nú da penedia,
Por aberta, que ao céu rasgára o vento:

E insisti, e partimos: vendo o poente
Deserto, e turvo o espaço simplesmente,
— Então? — gemeste trêmula, e espantada.

Antes que alguém atraz de nós chegasse,
Eu te beijava o seio, o collo, a face,
— Céu e luz, te dizendo, és tu; mais nada... —

OURIVESARIA

Tambem erguer um monumento anhelado:
Trabalho grande, e a um tempo delicado,
Como o universo que anda despenhado
Dentre de uns grãos de areia, que cinzelo

Um grão de areia... um verso lapidado
Com a paixão, com todo o amor do bello,
Como joia em que houvesse a alma entalhado
Brunelleschi, ou Cellini, ou Donatello.

Ao centro, aberto em fina miniatura,
Mettêra o olhar velado de recato,
O rosto oval, de esplendida brancura,

Meticulosamente o corpe exacto;
E, pendurado ao tempo, a astral creatura.
Teria, como os soes, o seu retrato.

EVER... FOR EVER

Sim! tudo em ti é para mim sagrado,
Seja o que fôr: eu amo o teu presente,
Eu amo loucamente o teu passado,
E loucamente o teu futuro ausente.

Amo-te triste, amo-te contente,
Apenas sou o teu leão domado,
E até adoro a esplendida corrente
Em que ando á sombra dos teus pés atado.

Quando o teu riso, como d'alta esphera,
Cahisse do teu labio, que não zomba,
Não como flôr que solta a primavera,

Mas como um raio, que das nuvens tomba,
Se alguém irado te dissesse: — Fera... —
Eu te diria mansamente: — Pomba... —

VENDEDOR DE JOIAS

Arranquei das lagôas de Veneza
Esta perola unica, sem jaça,
Branca, com um longe azul, que não a embaça.
Como vemos na louça japoneza...

A doce languidez, a que anda presa,
Que eu não posso apagar, por mais que faça,
E' como o vapor d'agua em fina taça,
Que lhe esconde metade da belleza!...

E' dos raios do sol ella o primeiro:
Guardo-a, como a melhor joia em meu cofre,
Comprei-a em seu paiz a um gondoleiro...

E' de muito valor, mas fraca e soffre!...
E a perola gentil o joalheiro
Tremia ao crer das mãos rolar de chofre.

STABAT

Ao vê-la, ha pouco, em seu olhar mais puro
Alto chorava a angustia de um segredo,
Num lamento de mar sobre fraguedo,
Longe a praia, o sul forte, o ambiente escuro.

E o que ella então buscava, inda o procuro...
Inda o procuro, tacteando e a mêdo,
Como quem anda ao pé do abysmo tredo,
Como quem quer, e foge do futuro.

E enquanto!... Job em minha voz gemia,
E o Stabat ella em sua voz cantava...
Mas Pergolese, ouvindo-a, entenderia

A voragem de sons em fogo, em lava,
Que ella, num grito, largamente abria,
E que ao seu threno languido faltava?!...

PREGHIERA

O teu olhar penetra-me, perfura
A minha carne, como despedida
Setta por deus ignoto; e enche a ferida
Todo um luar, que o sangue me satura.

Sinto-me, á luz que rola em mim, creatura
Que nuns mundos de cima andou, cahida
Nestes marneis sem fundo, e melhor vida,
Em qualquer região melhor, procura.

Prendem-me aos homens pois bem tenues laços:
Rasga-me em flôres todo meu caminho;
Podes, sei, inda á mão guiar meus passos,

E abrir-me um céu, para viver sósinho,
Abrindo o céu, no céu dos teus dois braços,
Curvando o céu, como se curva um ninho!...

GENTILE AMICA BIONDA...

Triste!... Que scismas lendo a sonora
Estrophe, que aos teus olhos canta e passa?
No gesto leva essa divina graça,
Que é tua, e o odor, que é teu e é de uma rosa.

Tenue, ligeira sombra vaporosa,
Como a que ha dentro de vazia taça.
Teu rosto embebe, teu olhar enlaça...
Soffre tua alma, e inda soffrendo, gosa.

Sae do meu canto artistico e brilhante
Uma alegria, que te alarga o seio,
E a magua, e a dôr, que echôa em teu semblante.

Hymno, que o amor azula, e á aurora enleio,
Risca-o, ás vezes, grito lacerante,
Como o marmore branco escuro veio.

NON SCORDARE

Eu escrevo pensando em ti sómente,
Triste, afflicto, inquieto; — ao pé, ao lado
Tu olhas molle, timida, prudente,
Num abandono doce e reservado.

Severamente calma e negligente,
Freme-te o coração de perturbado;
E a alcova tem, silenciosa e quente,
Um gesto serio, ironico, affectado.

A porta está entrecerrada: entulha
A alcova a sombra espessa das cortinas;
Vê-se pela vidraça o matto; — a bulha

D'agua, que geme em baixo entre boninas,
Mescla-se ao ar, que em tórno a nós fagulha...
Emquanto escrevo, e languida imaginas!...

LUIZ DELFINO

A LONG FAREWELL

Adeus: nelle minh'alma te dedica
Uma saudade longa e merencoria;
Um culto foi a nossa breve historia,
De puras emoções somente rica.

De tí rastos de sandalos nos fica;
Estrellaste a passagem transitoria,
E vaes, — a fronte a irradiar de gloria —
Em loureiros, que a terra multiplica.

De noites, que se embebem de luares,
Foste visão de ondina em verdes mares,
Foste apenas um bello e vago sonho.

Deixas a terra doce dos palmares,
Mas sobre o aroma e a luz dos seus altares
A tua imagem, que inda beijo, eu ponho...

AIMA VIRTUS

Pasmo, como um astronomo deante
De um astro novo, que no abysmo achasse,
Presos guardo por sua linda face
Meus dias, em cadeia rutilante.

Com que musica gira a cada instante
O zodiaco astral, que vem, que nasce
A' sombra dos seus cilios, triumphante,
Como se o céu seu rosto prolongasse.

Sinto-me bem, estou alli contente
Nessa edenica luz, e quando afroxa
Minh'alma acaso, surge o omnipotente

Riso bom, que em seus labios desabrocha,
E sae de dentro della transparente
Como um pedaço de crystal de rocha.

EXCELSIOR

Por ti, alma gentil e luminosa,
Como rutila esphera recurvada,
Onde o cheiro da luz harmoniosa
Canta da noite á placida calada;

Por ti a lyra doce e sonora
Abriu-se em raios, como flôr, que nada
Entre o tepido odor da madrugada
E o orvalho em gotta trêmula e chorosa.

Pedi canções ás terras do Oriente,
E ás nossas mattas; em caçoula ardente
Perolas puz; puz astros, e coraes,

E os diamantes do valle, e o oiro da serra;
Dei-te o que ha de melhor no céu, na terra:
Se é pouco, para dar-te, eu tenho mais.

NO CORREDOR

Era como no fundo de uma gruta,
Como num bosque, como num desvio,
Como detraz da pedra de algum rio,
Como num canto azul do céu... escuta,

Aquelle corredor, onde a permuta
Deu-se de um beijo noutro: um calafrio
De indizível prazer tomou-nos, vio-o
Em teu rosto, em tua alma resoluta.

Vinham todos após, e ninguem veiu,
E ninguem viu, e como num deserto,
Enlaçava o teu corpo meio a meio.

A aquarella da luz cobriu de certo
Esse instantaneo idyllo; e tambem creio
Que houve um deus, nosso amigo, alli por perto..

TERROR DO MARAVILHOSO

Os prodígios do corpo teu, sabel-os,
Penetral-os, querer ouvil-os, tanta
Ansiedade em mim traz, que já me espanta,
Como um deus... deus qualquer, não me dá vêl-os.

Do nicho d'ouro astral dos teus cabellos,
Como a aurora, ao mostrar-se, esplende e canta,
Deves nua sahir, iriando: e em zelos
Já dobro á terra o coração e a planta:

Já num extasis grande, em vasto gôso,
Silencioso, mudo, immovel, quedo.
E ao mesmo tempo inquieto e sem repouso,

Na aparente attitude de um rochedo,
Dentro vulcões de amor tempestuoso,
Caio pasmo aos teus pés, a arfar de mêdo...

MIRAGEM

Não vens? — Pois inda assim 'stás muito perto;
Pensas em mim agora mesmo; e pensas
Em que ermo largo vivo horas immensas!...
Ermo, a miragem crio, um sonho, é certo.

Soffro? Não, vê: adorno de sentenças,
Trago de flôres dos vergeis coberto,
E d'asas d'oiro querulas suspensas
Recorto o meu vastissimo deserto.

Ponho-te dentro delle; e sinto o ambiente
Todo embebido de um clarão macio,
Que vem de longe, e vem de ti sómente.

Não ha um canto escuro alli vazio:
Tudo occupas, ó! deusa omnipotente;
E com teu riso bom ri tudo, e eu rio...

LUIZ DELFINO

IL RITRATTO

Achei, como Colombo, o que queria:
Haurir de vez seu corpo melindroso,
E sentir esse immenso e infindo gôso,
Que era um delirio, um sonho, uma utopia!...

Como nas asas d'oiro o sol mettia,
O que anda, ou vôa, ou 'stá preso ao repouso,
E em seu osculo grande e luminoso
Céo, terra, e mar, emfim tudo cabia.

Venci! Tambem numa alegria louca
Abro ebriado a minha ardente bocca,
Como quem vae sorver todo um regato:

E bebo num só beijo o corpo della;
Pois que eu a tenho, timida gazella,
Doce, branca, a tremer no seu retrato...

Deixa
Passa
Numa
Entre

Fala
Loura
Que
E o

Bate
Onde
Tudo

Mas
Torce
E á

ENTRE O IDYLLIO E O ABYSMO

Ah! nescis, quod facinus facias.

Catullo — Carmen

Deixa cair seu braço em cima do meu braço,
Passa-me as mãos á barba, e calma continúa
Numa conversa grave e innocente; e fluctúa
Entre cousas da terra, e entre cousas do espaço.

Fala de Deus, do céo, de uma creança nua,
Loura, bonita, pobre, e que anda com um cansaço
Que mette pena, só, a tossir pela rua...
E o argueiro, e a flôr, e a estrella aperta o mesmo laço.

Bate-me um pouco, grita... e ante essa alacridade,
Onde ha tanta innocencia e tanta ingenuidade,
Tudo está serio — o céo, o campo, o domicilio...

Mas no seu casto olhar... casto até o cynismo,
Torce-se um sol em chamma, enrola-se um abysmo:
E á beira desse abysmo ando a rir nesse idyllio!...

LUIZ DELFINO

IN DOMO

Vem numa roupa simples e caseira,
Sem ter preocupações, naturalmente,
Como quem sabe o que possui, e sente
Que a flôr ha de ser flôr, queira ou não queira.

O cabelo enrolado á nuca, a arteira
Saia de deusa em fremitos cadente,
Nem uma joia, e o rosto esplendente
Como manhã na aparição primeira.

Traz o calor do sol, o alvor do arminho,
E o azul que se dilue, estende, espalma
No céu cavado, como um grande ninho.

Oh! quando chega assim risonha e calma,
Nodôa de oiro e luz o meu caminho,
Mancha de branco as sombras de minh'alma!

EMBRIAGUEZ DO CÉO

Mas isto assim?... Para que fazes? — Chegas
Simples... tão boa!... O teu chapéo de palha
Tiras, tiras a luva... e o que se espalha
E' o som gentil de umas palavras meigas,

E um outro céo, mais luz, mais sol, mais veigas...
Sandalos, sim!... (e a matta que farfalha,
Eu ouço, eu cheiro) e o olhar que me agasalha,
Calmo, da calma das estatuas gregas.

Potestades! meu voto está lançado:
Beber o céo num cyatho dourado
Cheio de estrellas, vou, sabe-o pois.

Ai! todo o firmamento azul num beijo...
Deuses, silencio: soes, eu não desejo
Que alguém veja o que houver entre nós dois.

SURPRESA

Vaes dormir. — Como sae do aceano a aurora,
Entras a alcova: rola-te nas costas
O feixe astral das tranças; tens de fora
As duas mãos nas longas coxas postas.

De prata nova é cada estrella agora,
Mosqueando o espaço, e ebriada o espaço arrostas,
Revendendo-as uma a uma; eis sôa uma hora:
Rompe a lua, illuminam-se as encostas.

Fulge accesa a vidraça: o ether de opala
Afunda-se, de extranhas coisas cheio;
Larga nodoa de luz manchou-te a sala:

Toma-te um frio, um dubio, um vago enleio...
E ante a caricia, em que o luar te embala,
Ris... recúas a rir... e arfa-te o seio.

DEA

Um dia conduziu-me o meu destino
A vêr-te nua, bella e deslumbrante:
Tinhas a langue pallidez da amante,
E a attitude gentil de um ser franzino...

Sobre o collo esplendente e alabastrino
Cahia a nuvem do cabelo errante:
E a luz primeira duma aurora infante
Envolvia o teu corpo em véo divino.

Sob os teus grandes cilios desfranjados
Mostram teus olhos o tremor violento
De estrellas pelos céos illimitados.

Era um ninho de sandalo o aposento
Aquecido ao calor dos cortinados,
Macio, perfumoso e somnolento!...

LUIZ DELFINO

Á...

Quella che imparadisa la mia mente.
Dante — Paradiso

Foi talvez, ideal dos meus amores,
Pallida estrella do meu céu querido,
A cuja sombra apenas hei vivido
Não sem dôres, porém com menos dôres,

Foi num mundo, em que tu me espalhas flôres,
Mundo virgem, de mim tão só sabido,
Que em teu rosto gentil todo embebido,
Dei ao meu canto delle as brandas côres.

E o perfume que tem, que o envolve e exhala,
A luz suave, que o penetra e o doura,
E' o perfume e a luz, em que se embala

Teu corpo duma forma encantadora,
Em cujas linhas todo o céu me fala,
E universos de soes Deus enthesoura.

LOVELACE

Sabes, amor? eu sou um Lovelace;
Corro após creaturas deslumbrantes:
Quero ir de encontro á multidão de amantes,
Mas com teu sangue, e coração, e face.

Achei quem neste céu me acalentasse,
Dando-me á fome as carnes palpitantes:
Este banquete eu não sonhava dantes;
E eu pudera, sem ti, sonhar que o achasse?

Como de soes á noite o céu faisca,
Inopinada, esplendida odalisca,
Vem daqui, sae dalli, irrompe, nasce.

Outras, outras, milhões, vêm de improviso:
E' teu corpo isso tudo, — um paraíso,
E eu só ahi dentro, e eu só o Lovelace...

LUIZ DELFINO

CUMPLICIDADE DO CÉO

Um dia — era de tarde — e somnolento
O sol buscava a lubrica princeza:
Ella me tinha entre seus braços presa...
E a coma d'oiro lhe agitava o vento.

Seguia cada qual seu pensamento...
Quanto da bocca de rubis accesa,
— Ave que salta trêmula e surpresa —
Saltou-me á frente um beijo!... Em tal momento

Tinha o seu rosto um não sei que de brando,
Que ajoelhei, e lhe beijei de rasto
Os pés, não sei se rindo ou se chorando..

Eu te agradeço esse teu beijo casto!
E os olhos meus dos olhos teus tirando
Vi sobre nós o céu profundo e vasto!...

IN SEE AND HEAR

Que isto tinha ella, que inda não ouvi
dizer que o tivesse outra.

Bernardim Ribeiro — Menina e moça

Semelha o resto de umas cousas santas
Em que a sombra de um deus deixou seus traços,
Vaga harmonia de harmonias tantas,
Que andam pelos azues de ethereos paços.

Dormem-lhe nuvens fluctuando ás plantas,
Pousam-lhe estrellas pela fronte a espaços;
E quando os olhos para o céu levantas,
Sentes entre ella e os soes possiveis laços.

Do corpo seu fremendo a aurora acorda
Com essa fresca musica de brisa,
Que ha do oceano, que amanhece, á borda.

Oh! quando ella caminha, o chão nem pisa:
E mó de pombas a ruflar em corda
Parece que na pelle lhe deslisa.

LUIZ DELFINO

DEPOIS DE MULHER

Ella era assim: suave e pequenina,
Cheirando, como cheira o ninho, e a flôr;
Risonha, alegre, timida, franzina...
Mettia a todos mêdo o seu pallor...

Tinha de um lyrio a livida menina
A linha tenue e esbelta, o aroma e a côr...
E um sangue quente sob a pelle fina,
E á frente adivinhava-se o esplendor.

Quando aos sabbados vinha do collegio,
Todos notavam seu semblante regio,
Sua cabeça altiva, porêm bôa;

Tem hoje ares de deusa, que não tinha;
Mas guarda os grandes gestos de rainha,
E uma tristeza, que a engrandece e a c'rôa...

Só
Vi
Or
Or
E'
Qu
Tu
Na
Po
Ur
Só
E
Pa
A

LUZ PARA O DIA

Só ha um mundo para mim mais largo,
Vida bem longe de momento amargo,
Onde o relógio nunca tem ponteiros,

Onde o sol não se põe, e jamais nasce:
E' quando estou beijando a tua face,
Quando estou junto a ti dias inteiros;

Tudo o mais noite intensa é que vacilla
Na treva dura, enferma e pavorosa,
Por onde, como scintillante rosa,
Uma estrella não abre e não scintilla.

Só pode dar-lhe côr tua pupilla,
E côr e brilho á Hora luminosa;
Para o dia ter luz, ha-de pedil-a
A ti só, alma em flôr da luz formosa...

LUIZ DELFINO

A MUSICA DO SEU CORPO

Deus fez a luz: a luz inda não era:
Imagina essa noite immensa, extrema,
Que em treva densa role cada esphera,
E em cada mundo solitario gema.

Ao pé do cysne tropeçando a fera:
Por toda parte lugubre celeuma;
E esculpturada em corpo a primavera
Sem a c'rôa de luz, seu rico emblema.

De repente rasgou-se o manto escuro:
De cada ponto aberto e cada furo
Sae luz liquida em grande jôrro unido.

E essa sonora musica triumphante
E' que ouço em ti, cantando a todo instante,
Se o corpo moves dentro do vestido.

O LUAR DO SEU ROSTO

Sinto que embaixo dos meus pés oscilla
O orbe da terra, coxo, e ao lado o eixo:
Furou-lhe o tampo a lucida pupilla;
Deu-lhe a cegueira e a escuridão de um seixo.

Pocilga d'homens, sem poder fugil-a,
De vermes entre o enxame o corpo mexo:
E aos deuses vãos da região tranquilla,
Aos deuses vãos, irado, eu não me queixo.

Transido, e alheio, e extinto, e triste, e mudo,
Tu de repente vens, vens de improvisio;
Eu me levanto, eu corro, eu te saúdo:

Mettes em mim o céu do teu sorriso,
O luar do teu rosto inunda tudo...
E é um mundo d'oiro, o mundo então que eu piso...

LUIZ DELFINO

O CABELLO

A' sombra da floresta do Oriente,
Onde o odor rubro em turbilhões se evola,
E onde o sandalo, e o nardo, e a myrra ardente
Dançam. girando, as danças da Hespanhola;

Sob a abobada azul do céu, que rola
A cauda apavonada e resplendente,
De fitas d'astros, como argentea estola
Atravessada... é bom passar a gente...

Mas o melhor, sabeis, é 'star deitado
Sob a cascata d'oiro derretido
Do seu grande cabelo perfumado,

Como um luar aurifero cahido
Por seu collo, de veias enrolado,
Como estrias de um marmore polido...

A FRONTE

Sua alvissima frente é nesga de Carrara
Por mãos de um deus, ou de um Cellini trabalhada,
Onde do seu cabelo, esplendida tiára,
Rola uma mecha, como um sonho, esculpturada.

Em dois globos assenta, obra artistica e rara,
Por onde a noite inteira afunda-se estrellada,
E lhe illumina tão suavemente a cara.
Que deixa á testa toda a luz, em que ella pára...

E essa estrada lyrial, brilhante, unida, e lisa,
E' onde uma Chimera o Pensamento atrela,
Onde o prazer gorgéia, e se arrouba, e deslisa...

A's vezes qualquer nevoa espalha-se por ella:
E' a dôr, que engrandece a forma, e a idealisa,
Sombra, donde a mulher sae maior e mais bella.

OS SUPERCILIOS

São, de um passaro o ninho seu buscando,
Pontas das asas, fim talvez, apenas,
Descendo dumas regiões serenas
Num vôo brando... cada vez mais brando;

Negras, como as do corvo negro, quando
Sahem-lhe da noite fulgida das pennas
Ascuas azues, de encontro ao sol brilhando.
Onde ides vós, gentis asas pequenas,

Supercilios de onix?... Ou sois dois marcos,
Deixando ao tempo, em dois formosos arcos,
A historia dos seus olhos vencedores?

Por baixo delles vão passando agora,
Em festa, aos gritos, os acclamadores,
E as musicas de dentro ouvem-se fora...

O OLHAR

O seu olhar magnetico fascina,
Como o abysmo do mar, como os abysmos:
Ha nelle o rir de todos os cynismos,
Apiculado de uma voz divina...

Musica em grita, musica á surdina
Por mulheres em loucos paroxismos:
D'anjos bons oratorios, e lyrismos,
Onde um céu de rumor azul domina.

E anda uma Ophelia nisso tudo, flôres,
Solaus lançando aos lagos encantados
Dos seus dois grandes olhos scismadores.

Nelles me atiro, os membros lacerados,
Sentindo ahi dentro as delicias dôres
De soes em cio e deuses namorados...

A ORELHA

A' concha humida ainda ella semelha;
Todo o escritorio, que as tem, não tem mais bella;
Foi a de Venus modelada nella:
Não tem a aurōra a bocca mais vermelha,

Mais brancura não tem uma scentelha:
Benvenuto, que a prata e o oiro cinzela,
Que, como um Deus creando, se revela,
Não enrolára essa divina orelha.

E' como um lyrio em Maio, ha pouco aberto,
Cujó nitido alvor, — mysterio e engano, —
Do sangue doutra flôr se viu coberto.

Mas... por que ella me lembra o infiel oceano?
Que tem ella de vaga em si de certo?
E o que ha de mar num coração humano?...

O NARIZ

Um marfim novo, que Cellini pole,
Minimo vaso etrusco, ou byzantino;
Na illuminura dum missal divino,
Christo á borda do poço, o gesto molle,

O riso triste, que o buril mais fino
Grava em crocaes de bocca, que não bole,
Haurindo lentamente, e gole a gole,
A mulher, que atravessa o seu destino;

Brinco feito em caulim com tal cuidado,
Que um chim só de genial cinzel fecundo
Nunca o dera por nitido e acabado:

Eis seu nariz: tiral-o, fôra um mundo
Não ter céu para a luz de um sol doirado,
Não ter sol para o azul de um céu profundo...

A BOCCA

E' sua bocca um cyatho cavado
Num rubim grande, de um valor sem preço,
Onde hauro e esgotto o liquido sagrado,
Que me ebria, e com que do mais me esqueço.

Houve no céu azul um sol doirado?
Contam que ha rosas? Pelo valle desço,
Não ha mais rósas; é maninho o prado:
Astros?... Sei?... Isto é fim, ou é começo?...

Como se vive? A terra é terra ainda?
Ouvi dizer que a Aurora era uma louca,
Branca, alma de Ophelia branca e linda?

E' certo? A agua do mar é já bem pouca?
Falam de Laura, Beatriz, Clorinda?..
Não sei... Que olvido então lhe sorvo á bocca?...

O RISO

Quando o véo melancolico, que enchia
De graça austera e fôrça radiante,
Num momento melhor de humor rompia
No riso, que humanava o seu semblante;

Quando nos labios elle apparecia,
Buscava-a um anjo, e vinha inda distante,
Mas quando elle cantava, e quando ria,
Quando esse riso ria-se bastante,

Eu via tudo em tórno acompanhá-la:
Um rouxinol dos angulos da sala
Cantava, e ria alegre o espaço ao vê-la.

E para não ouvir naquelle riso
Cantar o firmamento, era preciso
Não saber como canta o céu e a estrella.

A SUA VOZ

Sae-lhe a voz entre vagas sonoras,
Como cabeças de anjos sorridentes,
Por entre um basto turbilhão de rosas,
Movendo as largas asas transparentes.

Nella se aspelham cousas luminosas,
Fulgem nella constellações ardentes,
Illuminuras de missaes, por crentes
Feitas num claustro em noites delirosas.

Cherubins de joelhos, formosuras
Medievaes na attitude recolhida,
Frescos das velhas cathedraes escuras,

Christos numa aquarella esmaecida,
Vias lacteas, luar das noites puras,
Passam boiando em sua voz querida!

O COLLO

Seu collo é como um lyrio, alvo e elevado,
Tendo o esplendor dos marmores brunidos,
Sobre a espuma das rendas dos vestidos,
Como a de um mar em pontas desdobrado.

Ondula, como em lago o cysne a nado,
Brando volita em todos os sentidos:
Tem os giros dos soes nos céos perdidos,
E cheira, como o abrir-se em flôr um prado.

Fez delle obra de artista florentino
Base em que assenta o rosto seu divino,
Que de noite e de dia a beijos bordo,

E a cabeça, em que um astro anda desfeito
Em raios, que dão luz á espadua e ao peito,
E a cuja sombra d'oiro eu durmo e acordo...

OS SEIOS

Nunca te vejo o peito arfar de enleio,
Quando de amor, ou de prazer te ebrias,
Que não ouça lá dentro as fugidias
Aves, baixo alternando algum gorgueio...

Aves são, e são duas aves, creio,
Que em ti mesma nasceram, e em ti crias,
Ao arrulhar de castas melodias,
No aroma quente e eburneo do teu seio;

Têm de uns astros irmãos o movimento,
Ou de dois lyrios, que balouça o vento,
O giro doce, o languído vaevem.

Oh! quem me dera vêr no proprio ninho
Se brancas são, como o mais branco arminho,
Ou se asas, como as outras pombas, têm...

O CRAVO

Tinhas ao seio um cravo; era vermelho;
Tiraste-o, e a mão tremia ao dar-me, — e o deste;
E então tu'alma em teu olhar celeste
Eu vi, como ao crystal de um fino espelho.

Não pude ao menos pôr em terra um joelho,
Beijar-te as fimbrias da formosa veste:
Como o infeliz mais infeliz fizeste!...
Quem pôde dar-te esse fatal conselho?

Sabes? Nessa hora adivinhei que viste
O meu semblantes languido e prostrado,
E o riso meu profundamente triste...

Com que gesto, ao lançares-me um punhado
De ti mesma, commigo repartiste,
Na flôr, teu sangue limpido e encarnado!...

LUIZ DELFINO

O COTOVELLO

Era um canto do céu não visto, e vê-lo
Era um desejo, uma ansia, uma agonia!
E ella sentada em meus joelhos ria
A' ampla sombra enrolada ao seu cabelo.

Louco da fome das estrellas, pelo
Martyrio lōngo e dôr maior pedia...
Até que enfim, quasi indiff'rente, um dia
Mostrou-me, erguendo a manga, o cotovello.

Vi-o, e ebriei-me, como de um escombro,
Num reverbero convoluto, o assombro
De um capitel de artista jonio ebriou-te.

Vi-o, como entre nuvens de repente
Das madeixas, que cahem do luar, se sente
O hymno branco da luz cantando á noute...

AS DUAS MÃOS

Já vi pelas campinas verdejantes,
Entre os raios do sol cheirando as flôres,
Correr dois rubros colibris brilhantes,
Eguaes no vôo, eguaes nas lindas côres:

Duas creanças loiras, scintillantes,
Dois bellos olhos, calmos salteadores,
Que atraz de uns cilios negros, palpitantes,
Pareciam dormir, fazendo horrores:

Mas o que hei visto de mais doce e brando,
Num ponto o céu e a terra misturando;
Mas o melhor, que hei visto, em cousas mil,

Foi sempre tuas duas mãos pequenas,
Cheias desse rumor da luz, que apenas
Nellas faz ao cahir, mulher gentil...

A MÃO

Leve como arabesco florentino
Feito da espuma de amorosa idéa,
Treme-lhe á mão o azul da tenue veia
Em brancuras do marmore mais fino.

Cinzelou-a a capricho o peregrino
Burla, que a luz e o lyrio delineia;
E entre as cousas dó céu, de que 'stá cheia,
Guarda o segredo do melhor destino.

Da nivea concha, que se eleva e arqueia,
Carícias como perolas semeia;
Tem o rumor cheiroso de uma aurora:

Quem anda perto — sente-lhe a quentura;
Quem a beijasse — dera-lhe a ventura
Tempo de vêr o que ella em soes põe fóra.

A UNHA

Quantas vezes na tepida brancura
Daquella mão, que em ninho se entreabria,
Dos meus labios um beijo alli cahia,
A cantar, como achando o que procura.

Era a calhandra da manhã mais pura,
Que as asas pelo céu azul abria,
Rasgando, ás vozes d'oiro, a noite escura,
Para que entrasse, como um rei, o dia.

Mas... no fim do seu dedo omnipotente,
Haste dum marfim novo, onde a luz quente
Freme, e brinca, e se esconde, quem suppunha

Tel-o a guardar formosa sentinella,
Duma folha de rosa á sombra, — aquella...
Aquella tenue e irresistivel unha?!...

LUIZ DELFINO

A COXA

Era o rosto das virgens de Murillo,
Das virgens de Correggio era o cabelo;
E, para emfim aos seculos dizel-o,
Não digo mais: o mais era um sigillo.

Vi-lhe uma coxa: a coxa era a de Milo
No contorno ideal, no ideal modelo;
Minha vida bateu, parou naquillo:
Foi meu pasmo, e ficou meu pesadelo.

Achar o resto, a trechos refazel-a,
Vae, nesse empenho, todo o meu destino;
Meu sonho agora é levantal-a, erguel-a,

Mesclado ao grande marmore divino,
Como os de Phidias, esse olhar de estrella
Das madônas santissimas de Urbino...

E
D
Q
P

Q
O
D
M

E
Q
T

A
P
U

A PERNA

Esta é bem como o limiar agosto
De Eden, em que ninguém inda ha vivido:
Que causa, a quem quer ir, terror e susto,
Pois guarda-o um anjo de clarões vestido.

Quem o caminho delle sabe ao justo?
O carreiro das rosas é sabido;
Das pombas brancas ao pombal hei ido:
Mas... como ao paraiso ir mesmo a custo?

E todavia aquella perna indica
Que muito longe della o céu não fica:
Tentar, como um Titão de um raio em trôco?

Aquella ponte de marfim massiço
Passar, subir... quem pode fazer isso?
Um louco? -- Eu vou... Quem ha do que eu mais louco?

O JOELHO

Nodoa, nem mesmo leve, acaso tinha;
Deusa, nunca o dobrára aos deuses; — era
Como a primeira flôr da primavera,
Que ninguem viu no valle, e abriu sósinha,

Vivendo em harem de oriental rainha;
Filho da neve, neve, que viera
Do sonho, que fecunda uma chimera,
Quando com ella o sonho, a rir, caminha,

Fôra o gentil joelho: um joelho liso
E alvo, como um marfim, que era preciso
Pintando-o, e vendo-o assim em luz tamanha,

Ter uma nota estrindula e guerreira,
Como num modelado de Ribera,
Como na côr de um quadro a arder de Orcagna...

OS PÉS

Hum!... Qualquer coisa como um passarinho
Nevado e azul, polido e luzidio,
Como o fluido crystal d'agua de um rio,
Que a luz cinzela, e aroma o rosmaninho...

Alvo... da casta alvura de um arminho...
Azul... do azul do céu, franzino, esguio,
Trêmulo, arfando, em susto, em mêdo, eu vi-o
Buscando o fundo tepido do ninho.

Ella no leito tinha-o prisioneiro;
E a mim me parecia que o infinito
Era o que elle queria... o espaço inteiro...

— Deve ser lindo, disse-lhe, e exquisito:
Não deixes ir, sem dar-m'o a vêr primeiro...
São dois?!... — Sentou-se, e ás mãos os poz num grito...

A UNHA DO DEDO MINIMO DO PÉ

E' um gigante, e acaso um' hora excede-o:
O seu alto valor se verifica
Quando, em noite de amor tão curta e rica,
Crê-se tudo acabado e sem remedio.

Vence o cansaço e o somno; o somno e o tedio...
D'ambos a inercia é a morte, e a calma a explica:
Venus e Amor são grupo em bronze, e ahi fica...
E'cho um beijo inda pede... embalde pede-o...

Mas esta unha, num dedo escuso, é certo,
Roça-te a carne, um nada, aos pés... desperto
Logo, logo o teu sangue — ás armas — grita.

Ferve dentro de ti toda uma aurora;
E vibra a setta, a setta rubra agora
De um sol, que o céu, em todo fundo, agita...

O MONTE DE VENUS

E' neste monte que ella, a encantadora,
Que ella, a Aphrodite esplendida, apparece:
E' ahi que ella cogita, e pensa, e tece
Do rosal negro, ou seara fina e loura,

Que o cobre todo, e todo em roda cresce,
Esse estemma auroral que ella enthesoura,
Como se do universo a chave fôra,
Ou fôra do porvir a vida e a messe.

Ninguem ahi vae sem ter primeiro amado,
Sem que ella veja um halo de tristeza,
Que faz um deus de um pobre allucinado.

Psyché o viu, á mão lampada accesa,
Ticiano fiel o copiou, mau grado
Trazel-o occulto ao flanco a Natureza...

CAVERNA RUBRA

Quando, caverna rubra e monstruosa,
Onde habitam os deuses deslumbrantes
Sobre cochins de sedas cõr de rosa,
Talhados para toros de gigantes;

Quando paro ante ti alguns instantes,
Na raiva douda, lubrica, ansiosa,
Sombra no rosto, os membros palpitantes,
A' porta augusta, viva e esplendorosa;

Eu quizera furtar-me á cobardia
Dos soes, dos universos affrontados,
Hirtos de inveja, horrendos de ironia,

Cahindo em teus abysmos estrellados,
Caverna rubra, aberta na harmonia
De um corpo feito de clarões coalhados...

Não
Da
Quan

Nem
Que
Sobr

O ol
Sem
Num
Nu,

E, u
Ante
Vê-se
A lu

O EMERGIR DE UMA LUA

Não é mais bella a estrella a iriar dentro de um lago,
Da luz crepuscular ao irradimento vago,
Quando não o emmarlota entre as asas o sul;

Nem a perola branca á concha inda agarrada,
Que ella nessa attitude immovel reclinada,
Sobre as pomas as mãos, o olhar no vasto azul;

O olhar buscando o azul, em cima do seu leito,
Sem nada que a perturbe, ou passado ou porvir,
Num deliquio que é somno, e não é somno, o peito
Nu, como um céu que entreabre um céu, que vae abrir.

E, um instante, morosa e incauta, com effeito
Ante a roupa, que cae, e a que veste ao dormir,
Vê-se da noute do seu cabello desfeito
A lua do seu corpo esplendido emergir...

A PELLE

O que p'ra ti me leva, arrasta, impelle
E' uma terna e surda cantilena,
Que ouço gemer na pallidez serena
Do rosto, e que gorgeia em toda a pelle.

A' rosa branca, á candida açucena,
Ao alvo marfim da estatua de Cybele,
Do cysne á penna, á immaculada penna,
Teu niveo corpo em luz e côr excelle.

E canta: e o canto é um hymno iriante e baixo,
Que á noite só entre as estrellas acho,
E ouço na luz, no luar, na aurora, e quando

Ouçoo em teu corpo, e todo corpo o canta,
Penso que nelle orchestra occulta e santa
Tens de um ninho, em que soes abrem chilrando.

DEPOIS DO BANHO

Sae do banho: o seu corpo alabastrino
Gotteja: a agua murmura do abandono;
Vê-se abatida, languida, com somno...
Lança mão do lençol, quasi sem tino.

Mostra-lhe o espelho o corpo peregrino:
Ella o admira, e busca vêr-lhe o dono...
Anjo, merece um céo; mulher, um throno:
Scisma, e sacode as tranças d'oiro fino.

Senta-se, e mostra a orla avermelhada
De uma estrella, que immerge no infinito,
Sob uma nevoa loura inda molhada.

Seu rosto inquieto oscilla alegre e afflicto:
Mas... numas longas asas confiada,
Pensa fugir ao mais ligeiro grito...

VITA NUOVA

Somno de bronze rijo, ou pedra dura,
Profundamente quem não dormiria,
Emquanto o sangue e a lagrima murmura,
E as cousas ruem no horror d'hirta agonia.

Mas a treva mais densa ella perfura,
E lhe põe dentro um riso de alegria,
E, como tinta feita em luz do dia,
Deita-lhe a luz da sua formosura.

Não ha mais vêr e ouvir. — Sae da voragem;
Vamos ao campo, aos passaros, aos ninhos.
Vida nova, me diz, — uma viagem:

Iremos nós, nós dois... nós dois sósinhos,
Quadros de mestres vêr entre a folhagem,
Em cima, em baixo, em mó, pelos caminhos...

CREDO

Não vale a gloria um dia em teu regaço;
Prefiro estar contigo um só minuto
A ter os soes, que rolam pelo espaço,
Ou da terra ou do mar banal tributo.

Teu collo á mão, tua cintura ao braço,
Ouço a inveja dos deuses, com que lucto;
Emquanto o céu todo estrellado enlaço
Em ti, e em ti meu ser mesclo e permuto.

Forra-me o amor todo o horizonte, todo
O valle em flôr se rasga, e ouve-se o bando
Dos sylphos nus gemendo, em cio, em rôdo,

Quando te envolvo em largo beijo, quando
Crendo em tudo, e em ti mesma crendo, doudo
Vejo-te dentro delle ebriada e arfando...

ET NUNC ET SEMPER

Até quando virei bater-te á porta?
No limiar do teu palacio espero;
Tu sabes bem o que desejo e quero:
Não? — Outro dia eu voltarei; que importa?...

O vento frio zune, os ares corta;
Vim assim mesmo. Emfim?... Eu não me altero;
Não? — E dizes, voz rouca, e o olhar severo;
Sim, dize enquanto eu vivo, e não estás morta.

Has-de tu vêr-me eternamente triste,
Hei-de vir vêr-te, e hei-de partir: embora.
Como o teu duro coração resiste,

A quem vae, a quem vem, e torna, e implora!
O que eu peço, em ti só eu sei que existe:
Por que não dizes, meu amor, — Agora?!...

A VENTURA

E' o eterno trabalho da Danaide,
Eterno, o mesmo sempre, e sem repouso;
Nelle está meu tormento, está meu gôso;
Raio, que accende a grenha á tempestade,

Longo raio, em que desce a divindade,
Desceu em mim seu corpo luminoso;
De mim quero arrancar-o: em vão! não ousou:
E arrancar-o de mim sem mim, quem ha-de?

Somos dois mas num só, como o perfume
E' da fiôr, e que dura o que a flôr dura;
Flora d'oiro em meu flanco, altar e lume,

Lume e altar, levantado a formosura!
Sem ella eu nunca conhecêra um nume,
Nem soubera, sem ella, o que é ventura...

AGORA!...

Quando no sótão de uma casa escura
Vivias pobre e alegre de uma agulha,
Silenciosamente, só, sem bulha,
Nessa calma que um sonho inda não fura;

E que a neve d'alvissima costura
Invejava tu'alma inda mais branca,
E que tua janella estava franca
A' luz sómente, outra formosa alvura;

Quando de tarde e de manhã teu braço
Claro, redondo, e tua mão de fora
Moviam-se ao regar teu vaso, o espaço

Ria-se accesso da divina aurora,
Que andava nelles: mas o tenue laço
Das cousas virginaes rompeu-se... E agora!...

O SUFFICIENTE

E este soberbo e olympico desprezo,
Que eu sinto e tenho por que hei visto e vejo,
E' porque já não ando á terra preso:
Confio, como um passaro, no adejo,

Que ha-de levar-me ao monte, ao cimo, ao teso,
E á sua bocca, — o céu, e á aurora, — o beijo:
Não acalento em mim outro desejo,
Nem aspiro outro sol na vida acceso.

Aos triumphos do dia emfim me alheio;
Sou surdo á voz, ou van, ou dura, ou meiga;
Nem mais me irrita o odio a quanto odeio.

Fujo á flôr, que perfuma o valle e a veiga,
Porque me basta o aroma do seu seio;
Porque, para viver, ella me chega...

A FORMA

Em fôrça isto que existe, existiu dantes:
Em forma o espaço novos mundos deu-nos,
E aguias enormes, passaros pequenos,
Valles profundos, cuspides gigantes.

Outra tu foste já, formosa Venus,
De carne branca e espaduas deslumbrantes,
Ouviste idyllios, sei, e ouviste threnos
De um tempo, que inda mal nos lembra instantes.

Orbes mortos... O estylo é novo agora:
Este universo nada tem do antigo
Que um dia andou por este espaço em fora.

Se inda uma vez partir, irei contigo,
Em outros soes, de um modo extranho embora,
Novo ser a teu ser me prendo e ligo...

A FESTA DA FESTA

Se ha festa em casa, é vêl-a de rainha:
Ella por si já é a festa toda;
Anda como uma borboleta douda,
Quero dizer que vôa e não caminha.

Ha primavera? E' que ha uma andorinha:
Ha regosijo? E' ella: ella accomoda
Aqui, alli, de todos se avisinha:
Passa... e um pó de alegria ergueu de roda...

— Levantemos ao instante um canto, e altares,
Que em retabulo azul bordado temos, —
Diz rindo: e desse riso enchendo os lares,

A branca espuma dos seus dentes vemos,
Como a que um bote deixa pelos mares,
Fechando e abrindo o leque dos seus remos...

A PRINCEZA

Entre nós interponha-se o oceano,
Cave-se o céu entre ella e o meu desejo,
O meu caminho a insidia, o crime o engano,
Erice-o todo, no fim delle a vejo;

E' por elle que vou. — Urdi meu plano:
Observo attento a hora, o instante, o ensejo;
Ouço a chamar-me a musica de um beijo
Nesse seu lindo rosto soberano.

Cega-me, acaso, o meu amor ardente?
A luz de mais nos cega com certeza:
Mas tenho-a presa á indomita corrente.

E não me cansa, vê, tamanha empresa,
Das deusas todas despresar, sómente
Por amar esta lyrial princeza.

Á JANELLA DO JARDIM

Disse-lhe: — Vou, espera-me á janella.
Fui. Lá 'stá; — e azoinou-me a modo um bicho:
E' a madôna erguida em rico nicho,
Relevo do portal de uma capella.

Curva-se a luz, moldando o corpo della:
Do tanque do jardim rompe um esguicho,
Que empoeira o ambiente, e a envolve no capricho
De um véo d'oiro, que a faz ainda mais bella.

O vento adrede agita-lhe os cabellos,
Como espreitando a côr do seu perfume:
Tentam poisar os passaros ao vêl-os,

Falam-lhe aos pés as flôres em cardume;
Canta o ar, ri o céu: — chego a ter zelos:
Eu não sou deus, e ella parece um nume.

AZUES

Olha, eu te digo, e é serio: ouço a orchestra sonora
Da luz, que canta, e dança, e pisa a terra e o espaço,
Emquanto tens não sei que medo, e a mim te enlaço,
E ouvimos, canto e canto, a Odysseá da aurora.

Que fresca viração ahí vae pelo mar fora!
Fura o cheiro da matta o acre odor do sargaço:
Ha, de um grande pintor, lá... longe um largo traço
Mettendo oiros no azul, que enche o céu todo agora.

Sôam trompas o azul deste azul matutino,
Azul, como o que veste as madônas de Urbino,
Azul como a pupilla azul, que tu possues.

Como a manhã, que sae de um fundo azul, eu creio
Que é toda azul tua alma, é todo azul teu seio,
Que, como os soes, teu mundo é no meio de azues.

AO DEITAR-SE

Cae-lhe o revolto turbilhão fremente
Dos seus cabellos, como uma cascata
Que se espalha em seu collo reluzente,
E effluvios mornos, no descer, desata.

Por sobre o leito, em que o lençol algente
Mostra a brancura de brunida prata,
O rosto somnolento, o olhar dormente,
De uma princeza na attitude innata;

Deita-se grave, e acautelada ainda,
Os pés desnus, e da camisa aberta,
No esmaiado rubor da carne linda,

Luzem seios, que ás duas mãos aperta...
E enchem-lhe sonhos — a oração mal finda —
A alcova, que ella pensa estar deserta.

RESPOSTA

Recebi teu bilhete escripto ás pressas.
Tu me dizias que eras obrigada
A ir vêr uma irmã, irmã amada,
Que á noite adoecêra; e ser, confessas,

A soffrer duas vezes condemnada:
— Não me abraçar, para abraçal-a: — e nessas
Phrases, sem dar bem fim ao que comesas,
Da sombra de tua alma amargurãda

Ouço a mancha purissima chorando,
A dôr de ir vêl-a em susto, e achal-a morta;
A dôr de me deixar sem vêr-te, quando

Sabes que eu tenho a vida á tua porta,
Que ha festa, e céos lá dentro em ti, a entrando...
E, que, se ha mais além, o mais que importa?

SEU NINHO AO LUAR

Perto da casa o seixo descalvado
Pelo martello do canteiro; um basto
Renque de troncos pelo dorso; o casto
Véo de Cynthia por cima desdobrado.

Mais longe, um d'outro aos hombros levantado,
Monte e monte, e por cima, e em tudo o rasto,
Só caricia, de um vento perfumado
No lilaz, no rosal do jardim vasto.

E a luz macia, verde, macilenta,
Esbatida em brancura somnolenta,
Molle, como um olhar d'alma amorosa,

Envolvia nas asas o seu ninho,
Com tão inquieto e trêmulo carinho
Que vi minh'alma do luar queixosa...

LUIZ DELFINO

STAR'S NEST

A noite era profunda, azul, banhada
Da luz branca de opala transparente;
E ella dentro da alcova reclinada
Numa attitude aerea de doente,

Que é uma Ophelia, que ao principio nada,
Como um lyrio, por cima da corrente,
Tinha na roupa um cantico fremente,
Como arrulos de pomba, na alvorada.

Cahia nota e nota o argenteo trillo:
E o ar em tórno repetia aquillo
Que cantava o seu corpo de alabastro:

Que doce! que suave murmurinho!
Como se nella mesmo houvesse um ninho,
Onde andasse a querer pousar um astro...

O LAGO

Mulher, és como um lago em flôr, que se illumina
Ao sol, e como a flôr abre o seio esplendente;
Eu me banhava em ti desassombradamente,
Agua, flôr da manhã, branca flôr da campina.

Dos passaros em tórno a canção matutina
Fazia rir de gôso e arfar de amor o ambiente;
Cantava pelo espaço a primavera olente,
Cantava a aura do céo, cantava a luz divina.

Marmore unido, que veia azul brando apenas,
Parecias ouvir, scismando, as cantilenas,
Que enchiam toda a veiga, abrasada de aurora.

O! lago, eu me banhava em ti; mas de improviso
Fui ao fundo, e no fundo achei o paraíso:
E aonde o paraíso está, eu sei agora...

OS DIAMANTES BRUTOS

-- Eis dois diamantes brutos! — Seriamente,
Como um sabio, com todo amor do estudo,
Rolando-os, vendo-os, e revendo tudo,
Agora alegre, agora descontente,

Levava aos olhos humidos a lente,
Que tirára do escriptorio de velludo:
E eu a encontrava, vez primeira, mudo,
Por essa nova face surprehendente.

— Um rondiz: esta pedra, — ella dizia,
Lapidado em pyramide, deixando
Funda a culassa, é um irmão do dia.

Um lindo rosa est'outra, um rhombo; quando
A' noite brilha, um astro o inveja... — E eu ria,
E mal a ouvia, a ouvir-lhe a voz cantando...

PER AGROS

Vejo-a, depois da ultima mudança,
Menos triste, mais san, e mais bonita:
E mesmo, Excellentissima, permitta
Que o diga: o campo como a fez creança!...

Uma rosa no peito, outra na trança;
No olhar a luz da abobada infinita,
Onde a sereia loira da esperança,
Em rede d'oiro se embalando, habita.

E' mais secca, tambem não é tamanha
Esta casinha; é longe da montanha:
Ha no jardim um veio transparente...

E, emquanto assim falava, ella sorria:
E, ao vê-la rir, ao mesmo tempo eu via
Trêmulo o bosque, o céu a luz, o ambiente...

PEDIDO AOS DEUSES

Como sinto que tudo está contente
Por saber que a não vi durante o dia!
A voz surda das cousas, que diria
Ao seu aroma, que ficou no ambiente?

Faz mal minha ventura a tanta gente,
Que é para si um caso de alegria
Em tudo ouvir meu grito de agonia,
E a tudo perguntar por ella ausente?...

Sabe de alguma cousa a madrugada?
Que disse á rosa, que no valle chora,
A agua, que aos pés lhe riu, parando ondeada?...

Deuses, vossa piedade amiga implora,
Quem a vós outros nunca pediu nada!
Dizei-me: — O que ella está fazendo agora?...

WITH ALL MY LOVE

Marmore branco, marmore sem vida,
Na attitude que imprime o ideal e o amor,
Sombra de pedra da mulher querida,
Quero esaldar-te a um fogo creador:

Quero vê-te convulsa, estremecida,
A carne quente, num incendio a côr,
Buscando allivio ao seio meu pendida,
Na face a angustia, a lagrima, o terror...

Não ser, o que és: quero-te a andar: acorda
Mesmo de um mundo de vulcões á borda;
De ti este desejo audaz nasceu:

Move-te, estatua: criação sublime,
Sê minha: é crime? custe-me esse crime
A dôr eterna, a dôr de Prometheu!

SICUT FLUMEN

E' como um rio: enrola-se, murmura,
De espumas rendilhando-se: desenha
A floresta, que nelle se despenha,
Sob a clareira azul do céo, que a fura,

Ou sob a espessa sombra de verdura
Passa cantando; e chora, e se desgrenha,
Se rasga o seio de crystal na penha;
Da terra augusta espelha a formosura:

Sim! como um rio, ou trêmula corrente;
Minh'alma passa, e entrando de repente
Sob os dois arcos dos seus pés, se enleia

E nos meandros do seu curso largo,
Agora veio doce, agora amargo,
Reflecte a luz dos soes que ella encadeia...

DEUSES MUTILADOS

Mó de ultrajados Paros que atravanca
Inda a Acropole, e ind'hoje accusa um crime,
Lembra-me, ao vêr-lhe a carne dura e branca
Em restos sôltos de um lavor sublime.

Como porêm Pygmalião arranca
Da pedra a vida, e nella um fluido imprime,
Que a voz lhe sae da bocca arqueada e franca,
E o ar o largo peito ergue ou comprime?

Leva-me assim de rastos aos seus passos,
Ella, o ideal da forma peregrina,
Por vêr-lhe, a trechos, collo, seios, braços,

Fronte altiva, que um nada o orgulho inclina,
Como uma deusa esplendida aos pedaços,
Cahida um dia de um altar em ruina...

LUIZ DELFINO

COM ELLA SÓ

Ah! se descubro um mar, e um mundo emfim conquisto,
Em que eu só viva, em que eu o rei só della seja,
Onde ella só commigo eternamente esteja...
E' obra de Sisypho e nella eu louco insisto...

Quero havel-a de modo a que ninguem m'a veja:
Devoral-a talvez, como se engole o Christo!
Mas faz-se em toda parte o mesmo, e em toda egreja!
O que eu quero de certo, ó! Jesus, não é isto.

Beber seu corpo e sangue, emfim bebel-a toda...
Nesse trabalho immenso a minh'alma anda douda...
Viva e dentro de mim: — viva em mim, como tel-a?

De bocca em bocca andar; andar de noite e dia,
Não é isto o que eu quero, ó! Deus, o que eu queria,
Era um céo meu, só meu, e nelle a minha estrella...

EX UMBRA

Quando ella sente que feriu devéras,
Bate o ultimo golpe, e ante nós passa,
Como um fio de perolas sem jaça,
O alvo grupo das suas primaveras.

De que longiquas, lucidas esphas
De repente surgiu com tanta graça?
Ha quem assim do chão irrompa e nasça,
Quando apenas da larva um verme esperas?

Hontem era a chrysallida immatura,
Não despertando um só dos teus olhares:
Hoje é isto: a divina formosura,

Pedindo cultos, exigindo altares,
Como uma Venus nova, de mistura
Com toda a espuma e todo o azul dos mares...

A SÊDE

Quando me veiu o amor, o prazer foi-se embora:
Se eu fosse um infeliz, esta dôr não soffrêra;
Passasse eu encostado á sua porta, á hobreira
Do seu divino céu, do céu em que ella mora,

Não sentiria nunca isto que sinto agora,
Amargo e doce, e fel, e luz, e ferro, e cera,
Que faz que tudo dentro em mim por ella chora,
Que faz que eu gose e soffra assim por vez primeira...

Ferido o coração, como um rasgado lenho,
Entorno seiva, sangue, e lagrimas... porejo-os,
Sahem-me do corpo; eu sou um doido emfim: convenho.

Sou: mas preso á tenaz enorme de desejos,
Bebo-lhe á bocca um beijo, e outro, e mais outro e tenho,
Ai! tenho cada vez mais sêde dos seus beijos...

À TARDE

Perhaps, oh, sylph! perhaps'tis love?

Thomas Moore — Misc. Poems

Disse: — Amo um sonho. — Um sonho? A tua voz celeste
Vibrou, como um violino ás mãos de Paganini,
Cousa que ninguem vê, e que ninguem define,
Que tem asas de aroma, e de luar se veste!...

a...
Um sylpho atraz da flôr, e que talvez requeste
A Titania, que a habita occulta, e que imagine
Que a pode ter, emquanto a deusa a selva investe,
Corre-a, e foge, sem que no effugio o sylpho atine!...

o.
De venabulos, rindo, afiados de perguntas
Me encheste: eu tinha as mãos frias, trêmulas, juntas...
Livro ao acaso, abri, fechei; — tomei-te o leque...

inho,
Varava o sol, ao poente, a féerica arcaria
De uma Balbek em chamma; o oiro, em brelhos, fundia...
Voltei-me... e em teu olhar chispava, a ruir, Balbek!...

LUIZ DELFINO

O MEU UNIVERSO

To...

...behind, a dream.

Shakspeare — Sonnets

O que é contigo estar um só momento,
Eu sei, não podes comprehender, nem ousas:
Olha: é ter tudo, tendo o esquecimento
Do céu, de Deus, dos homens e das cousas;

Desnodoar disso o vasto pensamento,
E onde as mãos brancas e azuladas pousas,
Vêr afundar-se enorme firmamento.
Cheio de soes, flammantes mariposas.

Em ti começa para mim e finda
O universo, e de todo acaba, quando
Perco á distancia a tua imagem linda,

E cahindo na vida, exclamo, olhando
Os que passam: — Pertenço-vos ainda,
Clowns miseraveis, sou do vosso bando.

PULCHRITUDO

Por que treme? não sei: — tremer não deve.
Mas sempre ha sido assim, — assim, que a vejo;
E, como gotta d'agua em concha breve,
Deito-lhe á mão, irmã de um lyrio, um beijo.

E uiva então dentro em mim feroz desejo:
Branca, fica mais branca, do que a neve;
Ouviu-o, e foge, e vae subtil e leve,
Como um passaro ao céu, num largo adejo;

E ergue, entre nós, dois palmos de deserto:
Oh! que deserto entre o perfume e a rosa!
E eil-a tão longe, estando alli tão perto;

Rubra a bocca de polpa deleitosa,
Furada a um riso, como o furo aberto
Por um diamante em perola formosa!...

LUIZ DELFINO

PINTURA IRREALISAVEL

Estou tão cheio como se ingerisse
O céu todo de vez no meu caminho:
Levo estrelas em mim: mas vou sósinho,
Seria um louco para quem me ouvisse...

Riso, piedade, lagrimas, meiguice,
E' su'alma, é seu tepido carinho:
Sob as asas de um passaro no ninho
Lanugem doce, é quanto della eu disse.

Embalde escolho o iris da palheta,
Para ter qualquer cor; embalde pinto
O quanto ella de si, cheirando, deita:

Azul do céu mais claro, ou céu mais tinto...
Prender o halito bom de uma violeta...
Pôr numa concha o mar... não posso: eu sinto.

PER UNA SELVA OSCURA

Um beijo... — E dize, após, feitas as pazes,
Que falas tu, quando não falas, quando
Quasi de rasto, vê, quasi chorando,
Peço-te o que o lilaz pede aos lilazes,

O que tímidos lyrios, mais audazes
A outros lyrios, num dia, em gesto brando,
Baixo, num surdo anseio, e arfando... arfando
Levam... — E é isso o que quero, e tu não fazes.

Andam, como em deliquio, os teus sentidos
Num bosque: e é bosque assustador tu'alma,
Sem físgas, nada... sem clarões perdidos.

Salvador Rosa assim por noite calma,
Num claro agrupa um rancho de bandidos,
E a selva escura, em tórno, enrola e espalma...

PERDIÇÃO PELO AMOR

Para chegar além dos soes preciso
E' entrar pelo horror da sepultura;
Que ha-de fazer na terra quem procura
Chegar a ti, vedado paraíso?

Sacrificar a vida, honra, e juizo,
Perder tudo, lançar-se á valla impura,
E após de extinto, ó bella creatura,
Vivo erguer-se ao clarão do teu sorriso.

Entro no abysmo, está ditada a sorte:
E o espaço fundo e rutilo, que fito,
Tem um astro ancorado ao polo norte.

Deixem-me pois: — irei, sem dar um grito,
Como quem cae na escuridão da morte,
Para encontrar o céu pelo infinito.

AO PÉ DA PRAIA

Uns após outros vão os teus dias serenos,
Como as ondas do oceano, a cantarem-te aos pés:
Como elle a murmurar, nem murmuras ao menos,
O' deusa, tendo a palma, e não tendo os laureis.

No altar, em que entretanto erguem-te todos, Venus,
Sei a quem ajoelho, e sei quasi quem és,
Rainha, que num gesto engrandece os pequenos,
Feita só para os reis, ou para os menestreis.

Dá-me pelos degraus do throno, que mereces,
Como uma melodia eterna, desatar
Minh'alma a desfazer-se em soluçadas preces:

Como esse humido threno azul, que vem do mar,
Que, quando os olhos teus por elle abaixo desces,
Nem sabes se é sorrir, nem sabes se é chorar...

LUIZ DELFINO

PERTO E LONGE

Quando estou junto della a luz é leve,
O azul, que envolve a terra, o oiro chammaia,
O aroma canta, o espinho é doce, escreve
Cada raio do dia uma Odysseá,

Que em sonora rimas se encadeia:
Não ha cadencia que mais saiba e enleve;
Um pouco é como a vaga a dar na areia,
Quando já uma veiu, e outra vir deve.

E' que o mar mexe e aviva um mesmo vento;
Emquanto ella me embala, eu a acalento,
Sol e céu, dois, na mesma gotta d'agua...

Quando estou longe della, isto é diverso:
Misereres soluça-me o universo,
Cahem-me chumbos de noite em fogo á espadua...

A AUSENCIA DELLA

Tudo respira um tédio de tristeza,
Tudo vasqueja em leito de agonia,
Ha o suor de um moribundo dia
A' dôr sem nome atado com surpresa.

O que houve? O que ha em tudo com certeza?
A alma das cousas 'stá tão quieta e fria!
De que se faz então uma alegria?
Faz-se de uns olhos na pupilla accesa.

Hoje a não tive: quando ella fulgura
A luz tem luz, a vida vida; ausente
E' tudo para mim a noite escura.

Ella é meu sol, meu sol de amor ardente:
Sem ella rir jamais pôde a ventura,
E é o universo um pobre descontente.

LUIZ DELFINO

FATALITAS

Mas... com que abandono ella faz tudo!
Tem a calma das deusas deslumbrantes;
E quanto mais a peso, e a sondo, e a estudo,
Sei menos della que sabia dantes.

Que soube eu nunca ouvindo-a alguns instantes?
Sei só que por seus olhos, — triste e mudo, —
Ouço tinir os passos rutilantes
De uma alma incauta, que anda e brinca a miudo.

Triste... da dôr que afflige um deus vencido,
Mudo... do susto, do terror, do mêdo...
Mêdo de ter e de não ter vivido.

Ouvem-te, ó! coração! Vê lá, segredo.
Que desencontro a nossa vida ha tido!
Ella vir assim tarde, e eu vir tão cêdo!...

ALMAS E SOMBRAS

Triste... Por que 'stou triste? — Saber queres?
Esta tristeza é a alma da alegria,
Sombra que fica quando acaba o dia,
E' emfim toda a sombra que fizeres...

Eu sei que a sombra é cousa morta e fria,
Que o prasio e a opala e a vida é que preferes:
Mas busco embalde o que me ficaria
Sem teu amor, sem ti, flôr das mulheres.

Esta sombra que cae, que não supportas,
E' a sombra de extinctos resplendores;
Põe-se o sol: para a luz fecham-se as portas.

Passam perfumes logo, —almas sem côres,
Almas errantes das chimeras mortas,
Entre as almas subtis das mortas flôres.

LUIZ DELFINO

NAVIOS

Ao ver, como albatrozes do oceano,
Manchando o céu azul de fumo denso,
Abrindo as asas rutilas de panno,
E arfando e ondeando nesse giro immenso,

Chegar, partir, voltar, ir anno e anno...
Ao vêr a chusma dos navios, penso
Nos longos dias de trabalho humano
A's perfidias do pelago suspenso.

O oiro, que trazem, levam, rola e passa,
Jamais trocára pela etherea graça
Com que me lanças teu divino olhar.

Sem ti, nem céu, nem Deus o espaço encerra:
E' um argueiro, que desprezo, a terra,
E' gotta d'agua, que não vejo, o mar.

A RIVEDER LE STELLE

Ha um clarão... Descubrem-n'ó as argutas
Vistas: num pó de cheiro bom caminha
Alguem: e um ruído no meu verso escutas,
Como o de ave que ahí anda a voar sósinha.

Onde está ella? Guardo-a, escondo-a, é minha;
Mas não a entrego á sombra ou furto ás luctas,
Como na calma azul, que forra as grutas,
Foge do vento a perola marinha.

Entre as estrellas luminosa estrella,
Quem a um canto do céu, num céu tão vasto,
No amor do olhar, que a accende, ha-de entendel-a?

E eu só a entendo... e ebriado, inane, gasto,
Quando a deixo... quem sabe onde fui vê-la
Ou, por onde até ella, em luz me arrasto?...

LUIZ DELFINO

A PRESTIDIGITADORA

Não ha mysterio em teus furtivos passes;
Quem não sabe o que pode a formosura?
E eu sei por que te sobe e se mistura
Ora pallor, ora rubor ás faces,

Como se a luz á treva misturasses;
Ha fluido extranho em tua essencia pura,
Que te faz vêr, como se tu, creatura,
Com um pé no céu e outro na terra andasses.

Ai! do que ouviu a tua voz emtanto
Branca e azul, como a côr dos teus artelhos,
Fôsse elle um deus, fôsse elle embora um santo...

Se por ter de um teu riso os tons vermelhos,
Chora-me o coração, e esta alma em pranto,
Após ti, onde vaes, vae de joelhos.

PELO CAMINHO

E assim pensava: deve estar contente...
Vergeis num cheiro verde arfam agora;
Cêdo gorgeia entre os rosaes a aurora;
Lyrios em bando espalham-se á corrente...

Que intimo gôso a natureza sente!...
Se esta mulher a faz mais bella!... embora
Não seja flôr do valle propriamente.
Vôa aroma, que é seu, por valle em fora...

Que saudades seguiam-me, á surdina
Kyrie meigo gemendo, como um brando
Luar, todo em pennugem de neblina,

Quando a mêdo, por vêl-a, a alma de bruços,
Eu ia rindo, e em lagrimas pisando,
Pisando e rindo em cima de soluços...

LUIZ DELFINO

A FLASH OF LIGHTNING

Como te quero, amor!... — Formosa, acaso,
Sem adrede o buscar, 'stive a teu lado:
Que fluido olhar! foi liquido de um vaso
Que deixa a quem o absorve intoxicado.

Não morro: e soffro a vida em que me abraso;
Rujo, como um titão, á dôr pregado!
Mas ha momento em que o universo arraso,
E, como á voz de um deus, rue ao meu brado,

Ante o meu odio grande, aberto e franco...
Depois no vasto arneiro a vista espraio:
No pó dos mortos soes a encontro e a arranco...

E eil-a a emergir da nuvem de um desmaio!
E sobre escombros luz seu corpo branco,
Como uma branca flôr poupada ao raio.

LEITO DE BEIJOS

Ai! de quem amor prende! ai! de quem ama!...
Eu, como santa a adoro, e de joelhos
Quero beijar-lhe os pés, e os dois artelhos,
A longa trança d'oiro, o rosto em chamma...

Se ouvisse d'alma os avidos conselhos,
Em tórno á luz que o corpo seu derrama,
Eu iria acordar, na propria cama,
Seus doces beijos, tepidos, vermelhos.

Pesam mundos, amor, os teus desejos!
As mãos aos soes, para apanhal-os, deito:
Da tua bocca os soes fugindo, vejo-os.

Mas quando dentro em mim teus beijos metto,
São vespas doidas, mordem-me teus beijos...
E eu que de beijos teus fizera um leito!...

MUNDOS DESCONHECIDOS

Vi erguer-se de um beijo a America e o Eldoirado,
Mais feliz que Colombo e que Cabral, — sem meios,
Sem frota, só ao meu horoscopo agarrado;
Vi-os entre os vaeuens das ondas dos seus seios.

Estes morros são meus, são meus estes gorgeios
De passaros de um céu de novo constellado,
Os rios colossaes, o bosque emmaranhado,
Estes virgens sertões são todos meus: — achei-os.

Viverei só aqui por valles e barrancos,
Onde tocam os sues as frautas dos palmares,
Onde a luz é moital florindo em lyrios brancos:

E, dia, ha sól e sombra, e, noite, azul e luaes,
E ha nos cabellos oiro, e ha marmore nos flancos,
E ha na bocca coraes e perolas dos mares...

LONGING

Foi hontem... (e á que seculos não ha?)
Quando na alcova, em tórno de uma mesa,
E á luz apenas de uma vela accesa
Conversavamos nós, tomando chá.

A mãe (e ia bem alta a noite já)
Como um raio na sombra da deveza,
Pingava um riso em cima da tristeza,
Que o tempo á velha face humana dá.

Depois, cerrando mollemente os cilios,
Por nossos castos, rutilos idylios
Parecia dormir acalentada.

Tudo morreu, bem como a luz da vela...
E só ficou, o que nos resta della:
— As lagrimas da cera derramada.

LUIZ DELFINO

INQUIETAÇÃO DO UNIVERSO

Não! não me occupa a estrella luminosa,
Humida e iriada de um vapor ligeiro,
Que d'agua emerge, como do balseiro
A' margem, branca e solitaria rosa.

E' outra, irmã talvez daquella; inteiro
Me possue todo, em si minh'alma a gosa
Fremente, e ouço-lhe á bocca silenciosa
O hymno do riso, a Iliada do cheiro.

E inquieta, accende, irrita tudo aquillo
Que sae della e lhe canta em tórno, e d'anno
A anno eterniso em ouros, que burilo.

Eu sei: como a que amou o poeta indiano,
Ao nascer nada mais ficou tranquillo,
Deuses, homens, e céos, e terra, e oceano...

FORA DO TUMULO

Depois a vi, como hirta e alheada, á porta
Do tumulo, inda á mêdo, e em pé, Julieta:
A vi depois... Vêl-a depois, que importa?
Perola falsa, e andar por bôa acceita!

Radiosa estrella, a alma da noite enfeita,
Como uma joia de Ceylão, e a corta
Em vasta zona, funda, azul e preta...
Porêm não vive já: ha muito, é morta.

Como ella para mim. — Foi do seu leito,
Que eu a copiei, bem como Tintoretto,
De um lençol alvo, de umas cróceas flôres,

Passava á tela a filha extincta e amada;
Um grito mudo á cada traço, á cada
Traço immortal a côr de immortaes dôres!...

QUE É ISTO?

Ha pedaços de marmores de Athenas,
Uns restos bons de cousas deliciosas,
Calidos cheiros, orphicos, de rosas,
Como, em surdina, vagas cantilenas,

Que ouvimos vir, que vão passando apenas,
Grupos de aureas choreas voluptuosas,
Lyrios em scisma, espaduas deleitosas,
Como uma aÿe, que espalha as brancas pennas.

Agora é o vento: é o vento agora; ou a espuma
Talvez do mar, que se derrete ao vento...
Vacilla a serra ao longe, e em azul se esfuma...

Que sinto! o ar me embebeda, e lento e lento
Vejo tudo, e não vejo cousa alguma:
Que é isto, quando ao pé de ti me assento?!...

DOLOR

Vêr-te arrancada pela terra inteira,
Rojada ao espaço infindo volitando,
Vêr teus olhos de olhar triumphante e brando,
Fixos no céu, não sei de que maneira;

Ouvir-te a voz que oiros cascalha, e cheira,
Perder-se nos salões festivos, quando
Em loucos turbilhões te vão levando,
Como a folha, que o vento adunco erguêra;

Vêr que a luz te enche toda, e te embriaga,
Sentir que o mar te pede em cada vaga,
Vêr que para o teu collo a flôr colheste;

Vêr-te, como as demais viver, sentindo
O universo agarrar teu corpo lindo...
E' minha dôr; meu soffrimento é este...

LUIZ DELFINO

ONDE ESTAVA ENTÃO

Emquanto eu festejava o horror do meu destino,
Ella estava em seu quarto, um ninho doce e quente,
Onde tudo é conforto, onde em tudo se sente
Esse aroma que exhala o ambiente feminino.

Seu corpo desatado em leito resupino
Dava mancha aos lençoes de neve reluzente;
Sua bocca entreaberta, ao halito fremente,
Parecia inda rir de um riso peregrino.

Sua esbelta cabeça entre a espuma das rendas,
Sem sonhos, sem terror, sem commoções tremendas,
Era um busto de aurora enchendo o travesseiro.

Dos seus olhos gentis na fronte sepultados,
Sem chuveiros de luz, sem raios verberados,
Era o somno tão só o pallido coveiro...

MARMORES QUEBRADOS

O luar, musica vaga de um libretto,
Onde o silencio azul do céu murmura,
Todo o luar da sua formosura
Ella encarcera num vestido preto.

Só a cabeça, como Tintoretto
Pinta alguns anjos, vê-se calma e pura,
E embalde o olhar no abysmo longo metto
Por onde foge a sideral brancura.

Em parca nesga rutila do braço,
Na linha apenas do redondo collo,
Tolda a ode triumphal da carne o espaço.

Como se inteira o marmore de Apollo
De esplendrosos restos, de um pedaço
Tambem completo a deusa, e me consolo.

LUIZ DELFINO

UM DEUS MORRENDO

Viver de um sonho azul, ridente e bello,
Sem tregua, sem descanso e sem repouso;
Ter nelle sempre o immenso, o extranho gôso,
Que em rimas d'oiro fulgidas revelo...

Viver dentro de um sonho luminoso,
O meu encanto, acaso o ultimo anhelô;
Prender o céu, e ao céu os soes num élo,
E a esse élo um nome, que dizer não ousô...

Qual, das mais lyriaes, e mais formosas,
Ser não quizera, quem meu genio alteia,
E a lyra mette em turbilhão de rosas?

E eu, como um deus, a mão de estrellas cheia,
Morro, como entre espumas sonoras,
Morre, cantando, o mar num grão de areia...

UM DUELLO DE MORTE

Ag vêr-te assim, ó! virgem deslumbrante,
Sinto a ferocidade da panthera
Quando nas curvas garras dilacera
A carne em sangue quente e palpitante.

Tu tens o olhar do caçador triumphante,
Que o salto do animal feroz espera,
É está firme na tua mão possante,
O ferro, em que se atira, urrando, a fera...

Por isso estou de longe a vêr-te: estudo
A voz, o riso, o teu silencio, o porte...
Triste, irado, brutal, furioso, mudo...

E a emoção, que te abala o peito forte,
O que te enerva, cega, irrita... tudo...
Pois, ou morro, ou te dou num beijo a morte...

LUIZ DELFINO

SYNTHESE

Bacon... Descartes... Newton... e volumes!...
Levar a vida a resolver problemas!...
Amontoar essas questões supremas
Que á razão furtam fugidios numes!...

Mulher, que o bello universal resumes,
A quem prendem translucidas algemas
A luz dos soes, a essencia dos perfumes,
E a eterna fonte de ideaes poemas,

Que vou buscar, que valha mais, ou tanto,
Como tu, se mais nada além desejo
Que da existencia a dôr lenir, e o pranto

Mudar em riso ao fogo do teu beijo;
Que quando quero amor, e haurir-lhe o encanto,
Tento achar de ti fora, e em vão! não vejo...

AS DUAS ALMAS

Oh! como eu te amo, e como eu te hei amado!... Emtanto
Que haverá de infinito entre nós dois, e nisto?
Em meus braços cingi-te, em teus braços me has visto
Ora banhado em riso, ora banhado em pranto.

Eu sei o que ha podido em mim teu grande encanto,
Pois que não me pertenco, e só por ti existo;
E numa angustia enorme, e num terror, num mixto
De prazer e de dôr me deito e me levanto.

Deixar de amar-te agora, impossivel: — agora
Cahiu minha alma na tua alma, e ahi dentro mora;
Misturaram-se ahi; são dois labios da bocca,

Beijam-se eternamente, um em cima, outro em baixo;
Chiam na mesma luz, que sae do mesmo facho:
Das duas ninguem sabe a melhor, a mais louca...

ORGULHO

Esta ferida assim larga, como uma porta,
Por onde o sangue meu precipita-se a jôrro,
E' singular, porque 'stou morrendo, e não morro,
E sinto a vida em mim cada vez menos morta.

Eu beijo a mão, que empunha a espada que assim corta:
Eu me ajoelho, e curvo, e peço-lhe socorro:
Peço ao meu matador gentil, a quem recorro,
Como balsamo, o amor: — quem é elle? que importa?

Ella parece rir, porque me abato e humilho!
E fôra uma ironia o seu olhar de um brilho
E ril, se o não molhasse a dôr num véo ligeiro...

Digo-lhe então: — Por ti ando a lavar-me em pranto;
Eu, que aos deuses me não prosterno, eu, que entretanto
Tenho o orgulho de um sol dentro de um céu inteiro...

O HORROR DA VIDA

Quando morrermos... Vê: o que me assusta
E' morrer sem morrer, e andar no espaço,
Sem que te enleie de um e de outro braço,
Nem saber mais de ti, ó! Forma Augusta.

Da vida a seiva limpida e robusta
E' para a morte o ultimo embarço:
Do pó a um sol, de um sol aos soes um laço
Eterno prende a vida e a morte susta,

Nem Deus a vida a um pobre morto corta.
Que quero eu mais, se a Forma está vencida?...
Sem teu corpo, o existir em mim, que importa?...

Não serás mais a Beatriz querida,
E has-de ainda viver depois de morta,
Porque a morte, ai! a morte é sempre a vida...

REVIVERE

Da mi basia mille...
Catullo — Carmen

Grandes ideaes que amei, adeus; — fogacho
Tenue de gloria, em vós mais nada sondo;
Lanço-me ao azul profundo, e a paz não acho;
Torno á terra... e na terra é tudo hediondo.

Morrer... fugir ao mundo infame e baixo,
E até de ti, que o enches de luz: redondo
Besante d'oiro, escabellado facho,
Grão de areia maior, ó! sol, me escondo.

Mal clamo, vejo logo o seu protesto
No olhar patricio, no fidalgo gesto,
Num corajoso riso de bondade...

Então viver... viver... viver desejo:
A vida vale o seu divino beijo:
Quem com seu beijo a vida amar não ha-de?

IDA E VOLTA

Cada estrella é uma lagrima que irrorra
O céu, que a noite desenrola em cima
Do mar, que geme, e mette afflicta a aurora
Num grande pranto, e que ella accorda e anima.

E, tudo quanto ria dantes, chora,
Quando a hora tremenda se aproxima:
Ai! quando ella nos deixa, e vae-se embora
Alegrar nova terra, e novo clima...

Abre-se o campo em flôr, e se levanta
Um astro d'oiro em cada flôr; e ameiga
Um riso a pedra, que não ri, e a planta:

Tem uma estrella em cada orvalho a veiga;
No céu o riso em cada estrella canta,
Ri o mar, ri a luz, quando ella chega...

LUIZ DELFINO

AMANDO, PENSANDO

Teu voluntario escravo, ó! soberana,
Amo a tua vida, e della a teia e o drama,
Que na minha existencia se derrama,
Como um echo sem fim da vida humana.

Como tudo é formoso, e tudo engana,
A flôr, o aroma, o céu, o sol, a chamma;
E encontra, percorrendo toda a gamma
Do universo, a dôr só a mente insana.

De dia a dia as rutilas chimeras
Vão ao fugir das nossas primaveras...
Um nome!... a eternidade do passado...

E o que é a eternidade do futuro?
Um nome ainda... um nome mais escuro
Num grande abysmo de silencio... alheado...

NOITES DO POLO NORTE

Não conheceis a noite do poeta...
A minha noite, a noite em que volteio,
E o turbilhão de trevas do meu seio,
E a angustia negra já sem fim nem méta?...

Pois continúa a noite escura e inquieta:
Mas encheu-se de passaros, e creio
Que um raio que a feriu, como uma setta,
Foi dos raios dos olhos seus que veiu.

Frios céos todo a arder no polo Norte,
Os meus agora têm a vossa sorte:
Redondas taças leite a transbordar,

Chammejam cheias de uma luz divina:
E o sol, que assim as doira e as illumina,
Ninguem vê de que ponto anda a brilhar...

LUIZ DELFINO

O INEVITAVEL

Quando ás vezes estou sonhando em teu regaço
A' flava sombra do teu cabelo espalhado,
Vagamente lançando os olhos pelo espaço,
Fixo o azul sobre nós, num pallio desdobrado,

Notas que fico a tudo em tórno um pouco alheado,
Que vou cahindo, como um passaro ao cansaço,
E em frente ao meu silencio o teu, ajoelhado,
Busca ouvir dentro delle o rumor do que faço.

Assusta-me, ao pensar, que acaba a formosura,
Que o amor se perde e delle a essencia augusta e pura;
Que ha cem noites num gôso, e ha somente uma aurora.

Como troncos vivendo em meio a seccos ramos,
Pedacos mortos de nós mesmos carregamos,
Até que o tempo agarra o ultimo, e o devora!...

UM DEUS ESCRAVO

Todo o grande prazer, todo o grande tormento,
Que pode supportar um coração humano,
Trago dentro de mim: é como o immenso oceano
Tendo por cima todo o immenso firmamento.

Ora o amor dentro em mim é um contentamento;
Ora o amor dentro em mim é um feroz tyranno;
Na alma um céu me despenha, as estrellas aguento,
Ou parece fugir-me, e eu sinto um mêdo insano.

Sei que podem chamar de insensatez a isto:
Mas foi mais leve a cruz, e o supplicio de Christo,
Do que este soffrimento atroz que me flagella...

Eu quizera comtudo haurir esta ventura:
Ter um qualquer martyrio, uma qualquer tortura,
Para ser deus, e ser um deus escravo della...

VIAGEM PERPETUA

Vêr terra é um capricho sem descanso,
Mas o paiz que adoro, endeuso, e louvo,
E' se em praias de perolas avanço,
Se piso areias d'oiro iriante e novo,

Se é de esmeralda o grande lago manso,
Se é de esplendidos marmores o povo,
Se acho os céos sobre o olhar, quando o olhar movo,
Se acho os céos sob os pés, quando os pés lanço.

Ha uma nodoa branca em meu futuro;
Em tórno della o meu viajar não finda:
Quando amanhã voltar estou seguro

Que hei-de dar num paiz mais novo ainda,
Que hei-de encontrar um céu e um sol mais puro,
Que hei-de ter, na mulher, mulher mais linda.

FÔRÇA

O clarão doce, que de ti radia,
Mette-me em quente esphera gloriosa;
Tens a brancura triumphal do dia,
Coisas de mar, e brisa caprichosa.

Meu nimbo é a sombra só do teu, formosa:
Bloco de luz veiado de harmonia,
Em ti deu corpo um mago á estrellaria
De um luar n'agua, em noite perfumosa.

Onde vaes tu, fanal do meu destino,
Levas aos pés acorrentado um hymno,
Que o Tempo lança em urnas d'oiro e expande.

Quem és? — O genio que a cantar, revelo,
A minha fôrça, o meu amor do bello,
E a voz, que anda a ebriar-me, e diz: — és grande.

LUIZ DELFINO

MINERVA

Ter-te assim, hirta, a carne a palpitarte,
O coração a te subir á bocca,
O olhar, vulcão de luz, a phrase louca
Nos labios, como vaga, a marulhar-te;

O sangue rubro as faces a aurorar-te...
Não é na vida, não, coisa tão pouca
Vêr-te um momento desvairada e louca,
E a alma nua a fremer, rugir sem arte.

Mesmo debaixo dos teus pés pisado,
Quero o teu gesto largo e apaixonado,
Na attitude do orgulho e da defesa...

Odiei sempre a serpente, que se enerva:
Em ti prefiro as iras de Minerva,
O'! deusa em furia, ó! pallida princeza...

TRANSFORMAÇÃO

Oh! é melhor saber-te morta e inerte,
Sombra van, sem futuro, e sem passado,
E eu no terreo dormir bem ao teu lado,
E ambos nos dentes de asqueroso verme!...

Que sobre nós um tronco verde germe,
Paraiso melhor que d'outro lado!...
Não sendo assim, será desesperado
O destino que a sorte ou Deus fizer-me.

Aquem e além do tumulo o deserto:
Num ponto só tudo tão bom... tão perto!
Sol tão lindo em azul afrouxelado!

Basta banhar-me em seus clarões divinos
Para sahir em grito, e ao som dos hymnos,
Num grande deus um grande desgraçado!

LUIZ DELFINO

A GRANDE BIBLIA

Queres saber que maxima bemdita,
Que Evangelho, que Biblia, ou Veda, ou Egreja,
Como um clarim, que brada, e que concita,
Une o homem por mais feroz que seja?

Minh'alma, ao ouvir-te, em páramos adeja,
Alegre, douda, asas abrindo, grita,
Como uma aguia na abobada infinita,
Como tua bocca, quando ella me beija:

E' o amor, que a sanha do leão reprime;
E' o amor, que transmuda em luz o crime;
Que enche de soes os céos, e anda a fazêl-os;

E' o amor, que no lar os enthesoura,
Pois ha em cada creancinha loura
Uma estrella a brilhar nos seus cabellos...

AOS ETERNOS DOMINADORES

Quem é?

Quando gloriosamente ella passa e semelha
A' essa mesma, que é toda a alma da lyra minha,
— Eis a harmonia em corpo, a musica vermelha,
Que vae naquella deusa, ou naquella rainha,

Perante qual um deus, quasi um deus se ajoelha:
E' cada verso um carro d'oiro, e se adivinha
Pelo rumor que faz, e por onde caminha,
Quem leva, pois que o atrela olympica parelha.—

Essa, que ahi vêdes, é a bella imagem sua:
Ella não pisa o chão; é no azul que fluctúa;
Trapos de céu que rasga, atira sobre nós;

Dominadores, reis, poetas, quereis vê-la?
E' por longe, num mar, na barca de uma estrella
Indo: Pois não sabeis a direcção dos soes?...

LUIZ DELFINO

MESMO SEM NOME

Não, não são bolhas oucas e brilhantes
Talhadas com destreza e habilidade
Os meus hymnos, rigissimos diamantes,
Que hão de levar teu nome á eternidade,

Atravessando os seculos distantes:
Se não o digo, esplendida beldade,
Hão-de dizêl-o o Amor e a Mocidade,
Repetil-o hão-de, em todo tempo, amantes.

E o nome da mulher gentil, que importa?
Essa que nunca mais ha-de ser morta,
E' aquella que canto, e jamais canto:

Essa, em que a alma dos versos meus descubro,
Cuja bocca se estrella em riso rubro,
E que em perolas muda a agua do pranto...

ESCUA...

Por que soes, por que céos, e sempre? — Escuta.
E' a synthese da felicidade:

Por que o poeta ao amor dizer mais ha-de,
Quando elle canta triumphador na lucta?

Quando vence afinal a fôrça bruta,
Quando enlaça num beijo a immensidade,
Quando tudo é alcova, a sombra, a gruta,
Quando altar tem em tudo a divindade?...

Metter o espaço a se afundar num grito,
Pôr dentro de um olhar todo o infinito,
E o que elle tem de carinhoso e bom,

Encarnar na mulher formosa um nune...
Não basta, quando a vida elle resume,
Ter soes ou céos, uma só phrase, um som?...

LUIZ DELFINO

HYMNO Á MULHER

Mulher, lyrio purissimo do valle,
Eva creada, Eva renascida,
Só para amar e para ser querida,
Ha perfeição acaso que te eguale?

Antes que o alento extremo o poeta exhale,
Sabe que de ti sae perenne a vida:
Que sendo a Virgem-Mãe preconcebida,
Ninguem na terra ou céu hoje te vale.

Ha um clarão subtil e peregrino
Que em ti corre e te faz um ser divino,
Tens em ti, alma e corpo, a luz dos soes.

Ha um Deus? — E's a Mãe: Elle é teu filho;
Ha um Heroe? — De ti lhe vem o brilho:
Mulher, ó Mãe de Deuses e de Heroes.

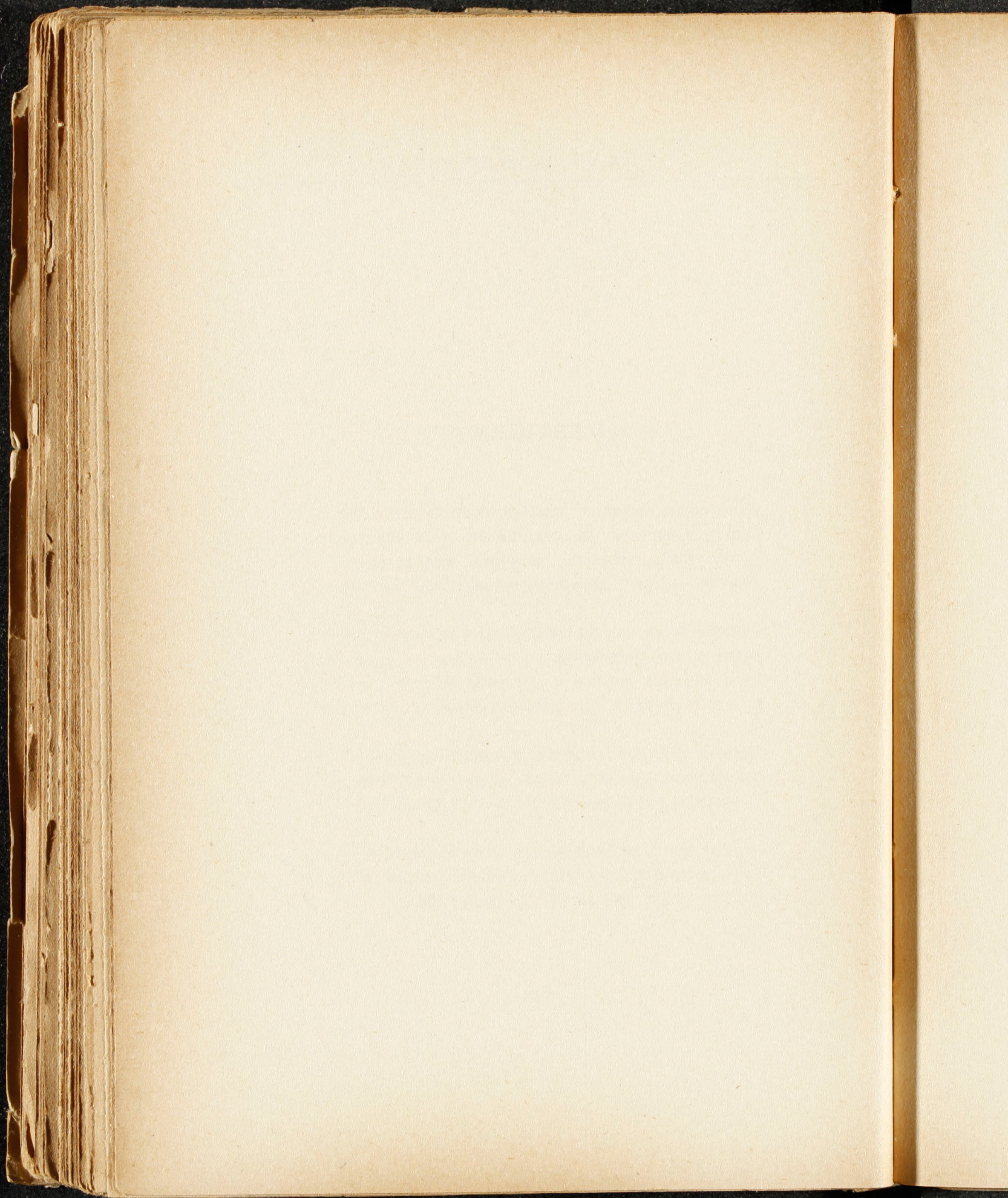
VERTIGEM

Sois, meus poemas, rutilas correntes,
Com que em vós eu prendia os soes sonoros,
E em danças doudas, lubricas, candentes
Vla-vos sempre em serpejantes córos.

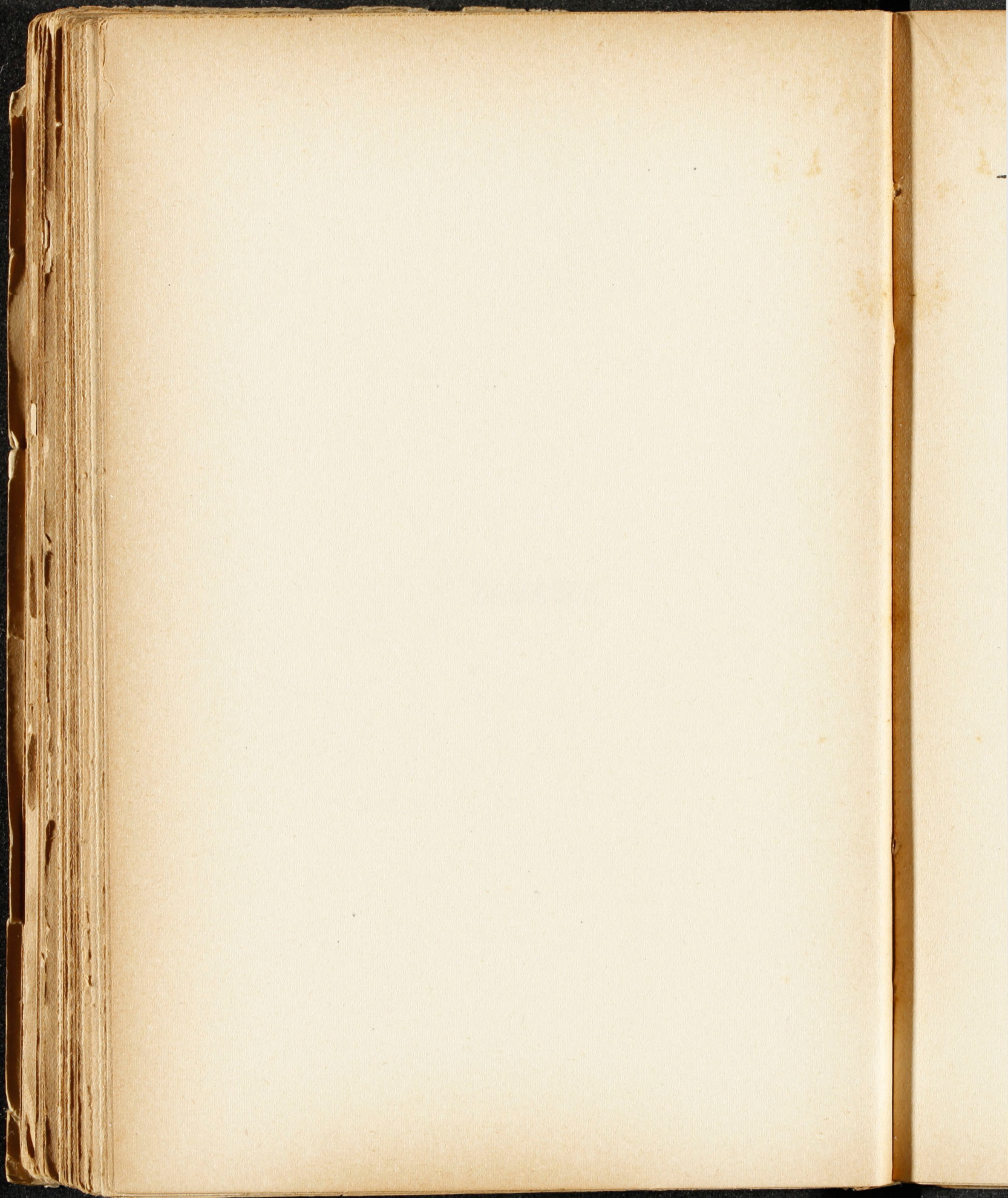
Queimava ao pé de vós cheirosos toros
Pelas noites profundas e silentes,
Para ver um sorriso entre seus dentes
E ouvir dizer á sua bocca: — Adoro-os.

Parecia que Deus vinha applaudil-os
A's portas dos seus dous olhos tranquillos,
E dizer-me: — Que Deus és tu? Quem és?

— Eu sou: lhe respondia; e os universos,
E os soes que crío em turbilhão de versos,
Faço-os rolar na curva dos seus pés.



ASPASIAS



A ESCADA DE ROMEO

Carpe diem...

Horacio — Odes

Chego. — Estou só: de pé tudo examino;
Mobilia, estofos, quadros, bronzes, jarras
De caulim d'Asia, de um desenho fino;
E um Dante em sócco terminado em garras.

Fora, ao sol que requeima, ind'alto, em pino,
Chilram por perto estridulas cigarras:
Longe, a algum fauno, pelas verdes parras
A estrellaria d'agua enrola um hymno.

Torno: abro um vidro, inhalo o seu perfume:
Vejo a musica nova, ergo o volume,
Que inda lê, o jornal, que ha pouco lia...

Por degraus d'oiro e sêda da esperança
Subo ao céu que ella accende, e onde descansa...
Desço... ouvindo a risada á luz do dia...

EU E NERO: ROMA E ELLA

Cantando os versos do immortal Homero,
Juntando aos sons da lyra o immortal canto,
Entre o ulular das victimas e o pranto,
Via Roma ir ardendo o Cezar Nero.

Tambem teu corpo a arder em fogo eu quero...
Ligar na historia um nome a um facto horrendo
Sob os beijos de brasa em que te accendo,
Anjo de olhar imperioso e austero!

Cae Roma ao horror das chamas convulsadas,
Entre a cinza dos grandes monumentos,
Entre um povo de estatuas derrocadas,

E ella sorrindo entrega a coma aos ventos,
A face linda á luz das alvoradas,
E ao fogo, em que ardo, os seios opulentos.

NEÉRA

Fervem luzes na sala primorosa;
Das portas descem amplos cortinados;
Jovens convivas riem-se espalhados
Em grupos de attitude graciosa.

Um lê: outro conversa, e observa a rosa,
Que enche um vaso chinez, e extasiados
Ante quadros de mestres afamados,
Falam d'arte em resenha curiosa.

Cantam, tocando o piano, uns escolhidos
Trechos de Meyerbeer; outro toma
De um bronze, e lembra, a olhal-o, os preferidos...

Mas... do céu, quem cahiu, que estrella assoma?
Neéra!... é ella ainda! inda aos vestidos
Arrasta os mundos que arrastava em Roma...

APATHIA

— Capricho de mulher!!... E não te importa
Essa lasca de marmore sem vida,
Negra, como a tua alma perversa,
Doce, como o colchão que te supporta?

Guardas a escrava — um longo dia — á porta:
Ficas no leito... e a cama revolvida,
E o gesto molle, e a fronte descahida
Do travesseiro, como gente morta?... —

Não respondeu. — Naquelle descalabro
O jôrro de um pequeno candelabro
Manto d'ouros e de luz macia arrasta.

A estatua branca e nua de Diana
Num plinthe, a um canto, em bella forma humana,
Tinha menos nudez, e era mais casta.

CHLOROSE

Eu dizia-lhe um dia: — Essa brancura
De tua carne outrora resplendente
Não vem de um sangue rubro, um sangue quente,
Como pedia a tua formosura.

Que magua funda os seios te amargura?
Ninguém sabe que soffres realmente,
Diz-me porê m o coração ardente
Que em ti se encontra o amor que se procura.

Quanto mais em ti desço, e mais te sondo,
Quasi louca paixão por ti eu sinto...
Aos dois pomos de neve as mãos tu pondo,

Nua, e em pé, como estatua sobre um plintho,
Loura cabeça ao collo alvo e redondo,
Murmuraste, inclinando: — Eu nunca minto. —

A SEREIA

Surgiu: uma das Horas destacada
Era do carro de uma Aurora: frio
O ambiente e azul; honesta no atavio,
Banal no gesto, grave e perfumada.

Lançou á companhia, descuidada,
Um ouco olhar de estatua, olhar vazio:
Cantava a sala ricamente ornada
O hymno do luxo olympico e macio.

Baixo, em surdina, de ironias cheia,
Respondia, de longe, cada cousa
A' meia luz de esplendida candeia.

Fugir, quem pode, e inda a poder, quem ousa?
Tudo já cede ao encanto da sereia,
Como, ao encanto da chamma, a mariposa.

FUNDO HYPERBOLICO

Eu tenho n'alma encadeado um grito
Maior que irado urrara um tigre hircano:
Sêde que haurira as aguas do oceano,
Quando elle entrasse os antros do infinito.

E é contra aquelle bello vulto humano,
Louro, risonho, pallido, exquisito.
E' por aquillo, em que ando e vivo afflicto,
Pequeno lume. altissimo tyranno?...

Debil, parece que não come e dorme...
E é-lhe o desejo como abysmo enorme...
Ha espaço sem termo ou mar sem fundo?

O! para enchel-o, num supremo esforço,
Parto aos céos. vou trazer-lhe os soes no dorso...
E ha-de entrar nelle o que é de mais p'ra um mundo?...

A PASSAGEM DE VENUS

Ella engordára mais; na pallidez de neve
De novo ardia a cõr das rosas desdobradas;
Ouvia-se uma estrophe em cada pé, de leve
Na areia do jardim cantando-lhe ás passadas.

Ia-lhe um riso preso ao céu da bocca breve,
E as espaduas gentis, magras e um pouco arcadas,
Mostram agora azues das brancas madrugadas,
E as curvas sensuaes que um passaro descreve.

A trança farta, e a frouxo, — esplendida cratera, —
Cahia pelo dorso, oiro e mais oiro em rumas,
Sob esse pó que espalha a luz da primavera.

Graças novas não tinha, e ainda perdêra algumas:
Fugiu-lhe o molle ondear da vaga: já não era
Mais a Venus do mar, a deusa das espumas.

AFAGO DE CENTAURO

Sabes? paixão brutal, paixão furiosa em riste
Traz um zelo feroz, que não ha mitigal-o:
E' preciso saltar ás vezes este vallo,
Para chegar a ti: a este encontro cahiste.

Eu senti dentro em mim, não sei bem se tu viste
Pelo véo que ennoitou meu rosto então de um halo,
Minh'alma ajoelhar-se ante o teu grande abalo,
A minh'alma amorosa, immortalmente triste.

Cruel, como a tormenta, essa tormenta passa;
Irrompe do heroismo antigo de uma raça
Em que a fera acabava a colossal creatura;

E', como o espinho á rosa, e, como ao trigo o joio,
E, com a areia fulva ao crystallino arroio,
Ha no cio do leão o amor que um deus mistura...

MARGARIDA

Vive apenas num quarto. Na janella
Duma jarra de barro viçam flores:
São aos raios do sol as doces côres
Que lhe doiram os sonhos de donzella.

De uma Virgem Maria a imagem bella,
Por entre nuvens de anjos e esplendores,
Para contar seus candidos amores,
Guarda sobre uma commoda singela.

Era tão bôa, era tão pura emtanto
Que sua alma nos olhos tinha o encanto
De um sol acorrentado a um grão de orvalho.

Creança um dia pelo amor trahida,
Lançou ao crime de repente a vida,
Como se lança um diamante ao malho!...

FEMINA

Um Polyphemo indomito, um gigante
Hirto, e jamais a acariciar affeito,
Ha-de agarral-a á alcova, e, alçando-a ao peito,
Dos braços na eril cova inhumal-a, ebriante.

Ella terá um riso scintillante,
Sol em raios nos labios seus desfeito,
Do largo aperto do cyclope acceito,
Surgindo assim mais bella e deslumbrante.

Lembra o prurido roxo de uma chaga,
Do oceano o fundo mysterioso e côvo:
E, debil, que se crê que um beijo a esmaga,

E caryatide que aguentára um povo;
E inda Venus na concha, e em roda a vaga,
Seu leito é sempre cada vez mais novo...

LUIZ DELFINO

ASAS PERDIDAS

Pobre mulher!... mentir é teu destino,
E' a tua paixão, teu sonho amigo;
Tu te mentes a ti a sós contigo,
E' mentira o teu osculo divino.

E' tua clava forte, ó ser franzino!
Podes mentir, bem vês, não te profilgo;
Tem profunda raiz um vicio antigo,
Que manejas com fôrça, audacia e tino.

Tu desceste do vicio á extrema escala;
O amor, o pejo, a graça feminina,
Aromas, que a alma da mulher exhala,

Ficaram, com teus sonhos de menina,
No guarda-roupa de uma velha sala,
Onde brincavas casta e pequenina.

ANTITHESE

Na alcova reina confusão: cortinas
Corridas; abafado o ar e olente;
Frouxo clarão de lampada pendente;
Jarras chinezas cheias de boninas.

Fulgem no aparador as pedras finas
Do collar: duas perolas sómente
Dos brincos têm num horizonte quente
A luz do olhar da dona, que imaginas.

Entra alguém: sae alguém. — Babel informe!
Ha quem, entre os lençoes, num beijo, deixa
Garras de fogo duma estrella enorme...

Ella isso tudo descuidada enfeixa,
Atira ao escriptorio, e bocejando dorme...
Dorme!... ao rumor talvez de extranha queixa!...

FIAMMETTA

De formosura grande e encantos cheia,
Na voz arfam-lhe mundos de harmonia:
Alma feita de sons, porem vazia,
Como uma bolha á luz, que o olhar enleia.

Como quem nada sabe, e em nada creia,
Junto ás syrtes, no mar, te deixaria,
A enlevar-te, a cantar, como a sereia,
Ao collo teu deitada, noite e dia.

Entre um deliquio e as ascuas de um carinho,
Disse-lhe alguém: — E's rara flôr deixada
Fora da cerca, á margem do caminho:

Não te fizeram para ser amada,
Mas para ser bebida, como um vinho...
Um vinho fino em taça delicada...

ANDORINHA QUE EMIGRA

Para que bosques foges, andorinha?
Por que emigras d'aqui? — Por esses ares,
Vaes pôr teus pés gentis noutros palmares?
Vaes ser n'outro paiz tambem rainha?

Da concha branca, ó perola marinha,
Se entre as vagas azues do mar rolares,
Quem sabe que esplendissimos altares
Terás do ouro e da luz, que lá se apinha?!

Deixas-me a sombra nos meus hirtos braços;
E, no ninho de sandalo, tão quente!...
Repete o aroma o hymno dos teus passos!...

E é isto apenas que minh'alma sente!...
Tu tens o amor dos soes pelos espaços,
E contas, como os soes, com Deus sómente.

LUIZ DELFINO

A BONECA

Como a loura boneca da Allemanha,
E' farta, gorda, alegre, bôa; os seios
Ampos, olhos sem luz, mas negros, cheios
De um barulho de rua e d'harpa extranha.

No rosto, inda o auroral clarão, que o banha,
Tem o verniz da infancia; o riso enleios;
E, como a onda balança e a praia ganha,
Não anda, ondula em languidos meneios.

Vae em breve rolar n'alguma sala.
E ás mãos de alguém de forma seductora,
Que ha-de, em beijos gulosos, acabal-a;

E da cova, que o crime empluma e doura,
Cahir n'outra, sem côr, sem voz, sem fala,
A pobre!... a pobre da boneca loura...

DUAS NUMA

Tu tens de Aspasia, e tens de Margarida
O luxo, a intelligencia, e a cõr aerea;
E um pejo a rir de si: e és, como Imperia,
Grande nos palcos fulgidos da vida.

Da corõa virginal, cedo cahida
Da fronte, falas quasi honesta e seria:
Choras: lamentas a fatal miseria,
O' Magdalena, nunca arrependida.

As tuas niveas carnes palpitantes,
Como as asas de um passaro á corrente,
Que tinha o céu por seu a alguns instante...

Nos olhos teus a lagrima tremente...
Finges tudo, se ás garras lacerantes
Te cae um'alma timida e innocente...

A QUEDA DE UM ANJO

Ha mais profundo abysmo que o oceano,
E inda que o abysmo azul, e que o infinito;
Pois quanto mais pondero, e mais reflecto,
Acho abysmo maior o peito humano.

Um anjo, esta creatura, que o profano
Vulgo encontrou um dia em vôo afflicto,
Fel-o de um ser lyrial um ser maldito,
E engrossou-lhe a sciencia de anno em anno.

Que livro aberto á esplendida creança!
Mas, o triste saber, como um veneno,
Matou-a, até matando-lhe a esperanza.

E achando o mundo alvar, no olhar sereno
Ella coalhava a alma banal do Pança,
No rir vesgo de Pan, o capro obsceno...

O CÉO E O INFERNO

Sei que teus olhos são dois charcos d'agua
Tão negra como noite de agonia,
E que tua alma lugubre e sombria
Luz, sem asco, lá dentro, e dôr e magua.

Ergues do estranho azul iriante espadua,
Que famulenta bocca, noite e dia,
Fere e morde, e retorce, o que faria
No bronze o malho ao chiar de ardente fragua.

Busca-te em leito de brejaes, sereia,
Quem, com tinir de perolas, fragante
Ouvir-te a voz, que em si céos encadeia.

Tu sabes dar a carne palpitante
A quem a agarra, a prova, a engola, a enleia,
Como Ugolino uivando á prole, em Dante...

FORTE COMO A MORTE

Todo enlaçado, como Laocoonte,
Ao teu amor, edenica serpente,
Ou como Prometheu atado ao monte,
Eu sinto as garras do teu beijo ardente.

Quer ar meu peito, os olhos no horizonte
Buscam deus, que me salve, um deus potente,
De ti, salgueiro de encurvada fronte,
Que Ophelia quebra, aos pés tendo a corrente.

Tu és, mulher, a branca irmã da morte;
E como a mesma morte exangue e forte:
Louca noite de orgia haure-te em vão.

Quantas vezes de ti, eu só, dizia:
— Quem pudera lutar, vencel-a um dia,
Hercules fôra suffocando o leão... —

O SEGREDO DUMA RAINHA

Branca, um pouco de luz por cima, tinha
A coma negra, espessa, ondeante e fina:
Belleza extranha, rara, peregrina,
Impõe numos largos gestos de rainha.

Alta a cabeça, com desdem caminha,
Coroadada duma auréola divina;
Guarda a leveza d'haste, que se inclina,
E treme á aura amorosa, que a acarinha.

Ella sabe que magica vergasta
Tem nos encantos do seu corpo aereo;
De si a propria sombra o vulgo afasta.

Mas... quem a beija, arranca-lhe o mysterio:
Céo, que cae, e comsigo os soes arrasta,
Tudo entrega: alma, corpo, orgulho, imperio...

MISERIA POR MISERIA

Nem da virtude tendes a impostura!...
Sois como sois: erraticas phalenas;
As Hetairas lubricas de Athenas
Prolongam-se até hoje por ventura.

Quem vos busca, innocencias não procura:
Vós não tendes, ó pallidas pequenas,
Senão de vossa carne as açucenas,
E os soes de vossa ardente formosura.

São vossos rubros beijos fementidos:
Mas vos chamaes Phryné, Aspasia, Imperia;
Não trazeis vossos vícios escondidos.

Quantas dariam sua vida seria,
Sem torpes joias, sem banaes vestidos,
Por vossa negra e esplendida miseria!...

SOMNO DE PEDRA

Quando um dia te vires desprezada,
Onde, não sei... atraz de um pobre muro,
Como te diz ás vezes o futuro,
Quando pensas na extincta camarada;

Morre, não gemas: vae, não digas nada:
Cae no fundo do abysmo immenso e escuro;
Talvez te mande Deus um anjo puro
Illuminar-te a tenebrosa estrada.

Entra na morte com soberbo entono,
Alta a cabeça, sobranceiro o peito,
Como rainha que conquista um throno.

Ninguem ver-te-ha sem dôr e sem respeito,
Quando dormires um profundo somno,
Tão duro como a pedra do teu leito.

SEPARAÇÃO SECULAR

O nimis fero corde!

Catullo — Carmen

Ai! louca, quando tu murmuras: — Parto:
Metto pés em caminho de abatises:
— Que vaes buscar além? Eu vou buscar-t'o;
Mas a minh'alma tão sem dó não pises.

Tu, a beijar-me e a rir, então me dizes:
— Que a sêde, como Tântalo, não farto,
E que viva alguns seculos felizes,
Guardando o escriptorio rico do teu quarto;

Que deixas do teu corpo a sombra e o cheiro,
E o echo do orphico canto dos teus passos,
E um luar de linho ao leito prisioneiro,

Que estrélla agora o céu dos teus dois braços... —
Mas... volta a vêr o beijo derradeiro
Farpeado em mim, azul, inda aos pedaços...

O HOLOCAUSTO DUM ANJO

Que fronte nobre e candida tem ella!
Como o tumido seio ondula e cresce!
E' um anjo do céo que aqui fenece,
Mulher que esfolha a virginal capella;

Rubra aurora de luz, que se ennovella
Na nuvem, que ao horizonte lhe apparece,
Espiga d'ouro de opulenta messe,
Que a fouce a fronte pelo chão nivela...

Quem é? Os olhos timidos resguarda,
As mãos fremem convulsas sobre o peito,
O labio reza ao seu anjo da guarda.

Como são brancos os lençoes do leito!...
Ai! como o anjo, que a defende, tarda!
Chegou... mas o holocausto está já feito!...

VELHA HISTORIA

Quando fôr velha, e a estúpida carcassa
Cahir do tempo á garra, que a esphacela,
Quando a estrella fugir do corpo della,
Ha-de inda enleial-a a ultima desgraça;

O sarcasmo feroz da populaça,
Que á pobre em trapos, tropega se atrela,
E o asco do ancião, que em moço a quiz donzella,
E viu-a bella, cynica e devassa.

Alguns que a olharem dos balcões festivos,
Entre luzes, e musicas, e galas,
Ricos, tristes, já gastos, mas altivos,

Dirão comsigo, das ridentes salas:
— Onde os beijos cantaram-lhe furtivos,
Cospem-na os vermes lugubres das vallas.

O BELLO FEMININO

E's tu, belleza, a cortezan primeira,
E's tu quem desce sobre o corpo della
No dia em que era esplendida donzella,
E que a fizeste tua prisioneira.

Tu, não ella, tu és a verdadeira
Prostituida e vil: és tu quem geia
E mata d'alma a candidez singela,
Tu, belleza funesta e traiçoeira.

Por que não vestes só as almas castas?
Por que não deixas tu as almas mortas?
Por que não vaes ás regiões mais vastas?

Por que não foges para os céos? Supportas
Esses anjos sem luz, e não afastas
Quem vae bater ao céu de suas portas!...

SASSO DURO

Ella tinha o universo a si seguro:
Do céu a aurora em fogo, o sol do espaço,
Dos astros a harmonia, em seu regaço
Viviam sem passado e sem futuro.

Tornou-a o orgulho o marmore mais duro
Que na Italia só morde a lima d'aço;
Tenaz e resistente ao golpe, ao braço
Que quer nelle imprimir um traço puro.

Aos olhos negros, lagos luminosos,
Como uma névoa fina e delicada
Nunca trouxeram zephyros chorosos...

Nem lhe pingaram lagrima orvalhada,
Que torna os astros d'oiro setinosos
Na noute delles languida e molhada...

UM MARMORE

Formosa!... Ella era o anjo do cynismo!
Foi-lhe velada a luz dos olhos magos,
Como na sombra dos vergeis dous lagos,
Que ondulam no cairel de escuro abysmo.

Não tinha amor, não tinha fanatismo,
Nem as inquietações dos sonhos vagos:
Jamais lembrou que o tempo traz estragos,
Indifferente á dor e ao heroismo.

Brilhou seu corpo niveo de açucenas,
Cheiroso, como os balsamos mais caros,
Sob a noite profunda das melenas.

Alta, flexivel, sobre os pés tão raros,
Quando um dia morreu... a morte apenas
Levou á cova um marmore de Paros.

CAPRICHOS DE DEUSA

A's vezes esta deusa, esta princeza
Despe a chlamyde branca, a toga austera,
E dos degraus de estrella donde impera
Baixa á terra — numa hora de fraqueza.

Quer ser mulher e entrar na natureza,
Vem até mim, como domada fera,
Beija-me a bocca e foge, e não espera...
Ateia a chamma e a chamma ahi fica accesa.

De longe, só por molestar-me, insiste
A olhar-me, a olhar-me!... E após, ao ver-me triste,
Na voz um riso, um riso na retina,

Meu coração agarra, agarra e estrinca,
Como quem, por passar o tempo, brinca
Com um pomo preso ao galho que se inclina...

SCIENCIA PREMATURA

Um cadaver de luz, não é?... — A idade
Dos anjos do Senhor e das auroras
Nunca em mais graciosa mocidade
Radiou festiva, desfolhando as horas.

Tinha embaraços, timidez, piedade,
Nimbo aureo da mulher gentil que adoras:
Vê se beijando este esplendor não ha-de
Doer-te o coração; vê se não choras.

Velava a luz dos olhos soberanos:
Na voz macia, um lago de innocencia,
Dormia o alfaque, — a perfidez dos planos.

Nas dobras de uma languida indolencia
Occultava o saber de muitos annos...
Tinha mais de cem annos de existencia...

FALSA PENELOPE

E's como a aranha vil, que a fina teia
Em circulos concentricos prepara;
E entre as malhas, que faz com arte rara,
O insecto alado, multicôr, enleia.

Grupas sem graça a van, banal cadeia,
Que um pé vulgar num impeto quebrára:
E eu, como Venus, te queria em ara,
Sobre concha do mar na branca areia...

E eu, que juntava ao marmore o granito,
E entre columnios d'oiro levantava
Torre augusta, de um molde amplo e exquisito,

E no zimbório altissimo bordava
Teu nome... e ouvia o espanto, o espanto e o grito
Dos astros lendo-o, o céu já todo em lava!...

UMA EXPLOSÃO

— Ellas invejam nossa liberdade,
Nossos diamantes, nossa formosura,
A pelle fina, olente de frescura,
Emfim a nossa irriante mocidade.

Uns mentirosos olhos de piedade,
Onde se enroscam uivos de impostura,
Vêm da casta mulher, da virgem pura
Fazer-nos rir da sua honestidade.

Quando souberem perfumar seu ninho,
Nenhuma mais de nós, que um' hora viva,
Ha-de aos pés flôres ter por seu caminho.

Não é só a virtude o que captiva,
E' mais o doce e languido carinho,
Que faz de todas nós a eterna diva...

PESADELO DOS MORTOS

Scismava. — Cae-me em pó de luar sombrio
A lembrança dos entes que hei amado!
Amor!! — Sombra de amor, um desvario,
Ao ser beijada em leito perfumado.

Como o dorso phantastico de um rio
Rola-os mortos em rythmo compassado!
O mar, que busca, vasto, illimitado,
Ursos, que ha dentro em nós, terá, e é frio?...

E foram moços, lubricos, ardentes!
Vejo-os todos cobrindo o mesmo espaço!
E andámos juntos seculos contentes!...

E eil-os, que ahi vão, arfando de cansaço,
Deitados sobre as vagas reluzentes,
Agora erguendo a perna, agora o braço!...

HORA OPPORTUNA

Reinas: e o que não faz uma princeza
Assignalada pela formosura?
Graça, desgarre, um vago de loucura
Dão-te mais do que pode a natureza.

Ergues a fronte, de um estemma accesa,
Teu firme olhar insulta a mulher pura:
E's quasi uma phantastica creatura;
Illudem-te infinitos com certeza.

Emtanto o tempo por ti toda corre,
E deixa traços, como o mar na areia:
Que ha noite após o dia, não te ocorre.

Morre pois cêdo, esplendida sereia;
Antes que fiques velha e feia, morre,
Que a morte aos soes os vermes encadeia.

EPILOGO

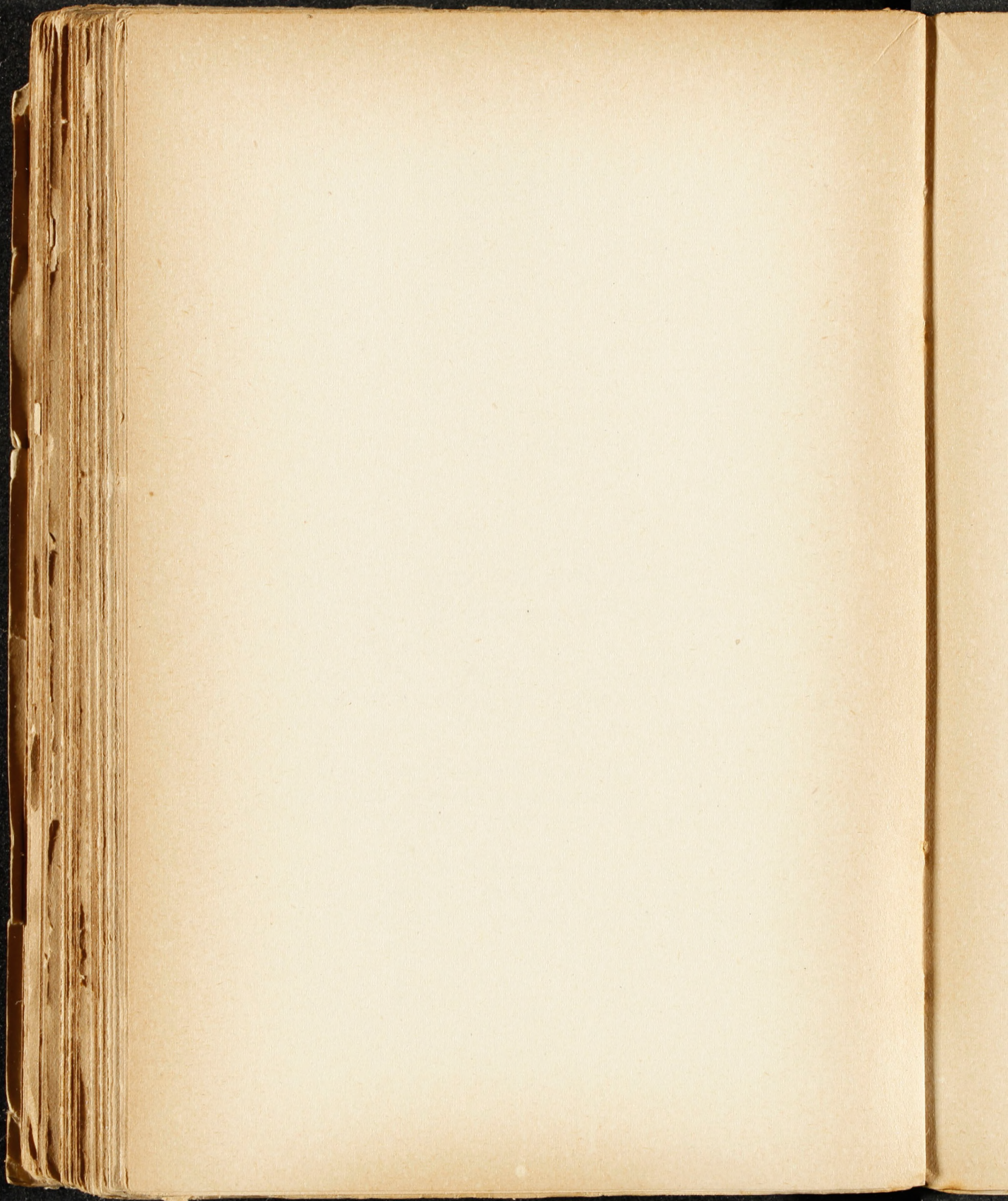
Quando tiver o sol da nova idéa
Largamente irrompido do horizonte;
Quando não existir mais nada d'honte...
Quando o céu de Jesus, que já baqueia,

Rolar de vez na enchente, que se alteia;
Quando o inferno a ninguem mais amedronte,
E Belzebuth galhofe com Caronte
Do novo Deus, em que o universo creia...

Destas vastas e esplendidas ruínas,
Donde não surgirão as bestas-feras
Mas hão de rir-se os ninhos e as boninas,

Inda, coroados de verbena e de heras,
Hã-de o poeta, — em rimas peregrinas, —
Cantar seu Deus: — o Amor e as Primaveras.

INDICE
INTIMAS E ASPASIAS



INTIMAS E ASPASIAS

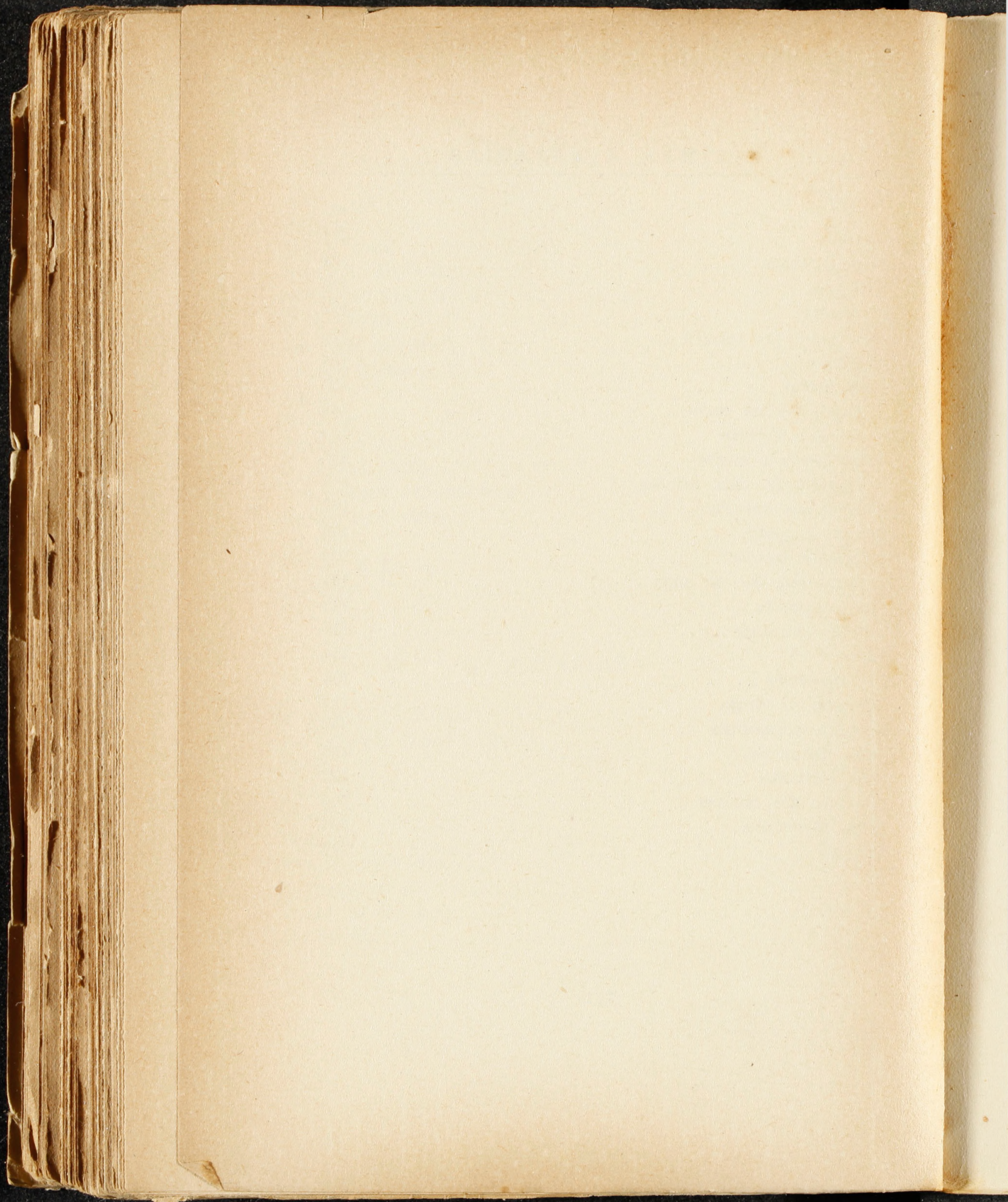
		PAG.
PAG.	A'...	58
28	Lovelace ..	59
29	Cumplicidade do céo ..	60
30	I see and hear ..	61
31	Depois de mulher ..	62
32	Luz para o dia ..	63
33	A musica do seu corpo ..	64
34	O luar do seu rosto ..	65
35	O cabelo ..	66
36	A fronte ..	67
37	Os supercilios ..	68
38	O olhar ..	69
39	A orelha ..	70
40	O nariz ..	71
41	A bocca ..	72
42	O riso ..	73
43	A sua voz ..	74
44	O collo ..	75
45	Os seios ..	76
46	O cravo ..	77
47	O cotovello ..	78
48	As duas mãos ..	79
49	A mão ..	80
50	A unha ..	81
51	A côxa ..	82
52	A perna ..	83
53	O joelho ..	84
54	Os pés ..	85
55	A unha do dedo minimo do pé ..	86
56	O monte de Venus ..	87

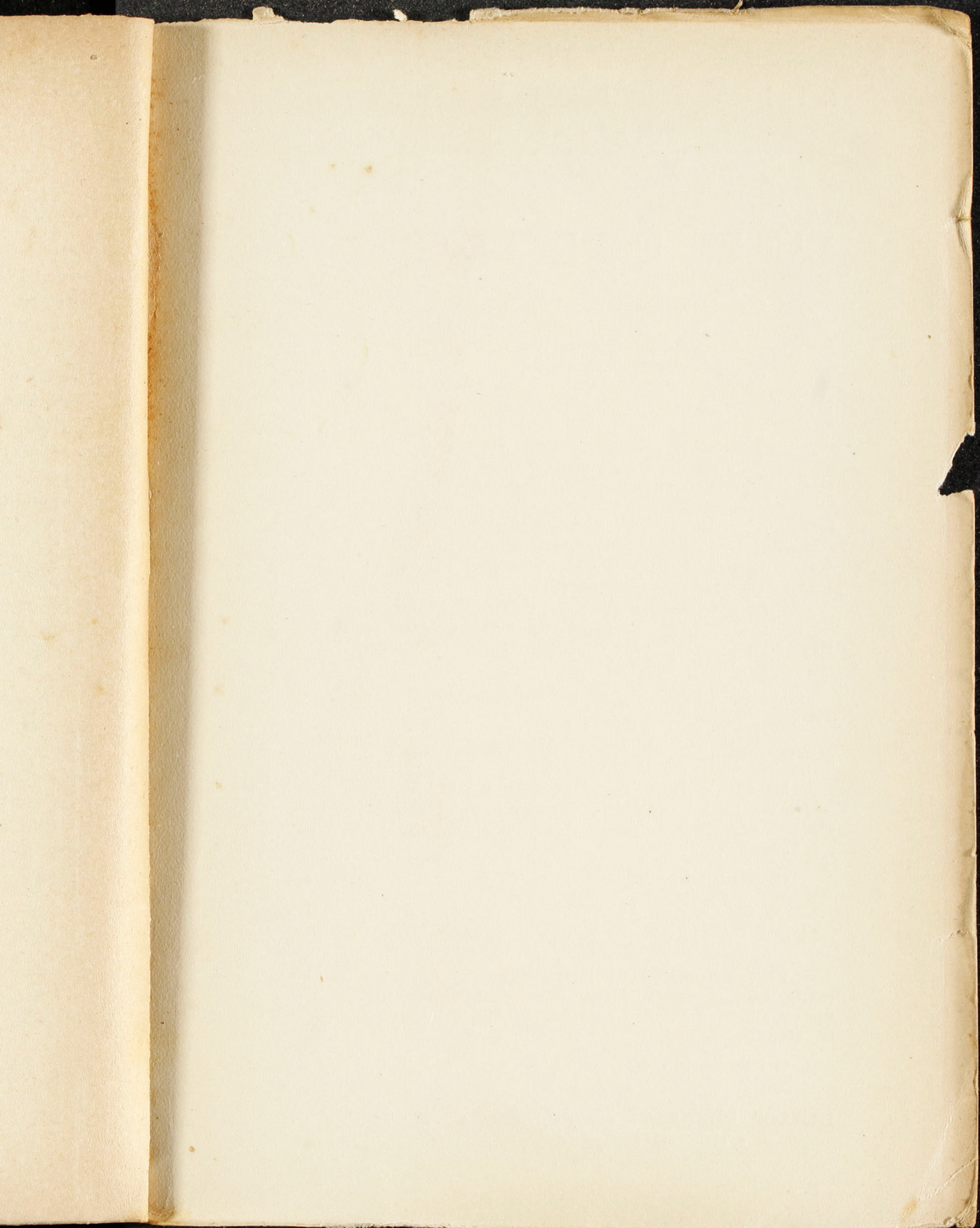
LUIZ DELFINO

	PAG.
Revivere	148
Ida e volta	149
Amando, pensando	150
Noites do Polo Norte	151
O inevitavel	152
Um deus escravo	153
Viagem perpetua	154
Fôrça	155
Minerva	156
Transformação	157
A grande biblia	158
Aos eternos dominadores	159
Mesmo sem nome	160
Escuta	161
Hymno á mulher	162
Vertigem	163

ASPASIAS

	PAG.
A escada de Romeo	167
Eu e Nero: Roma e Ella	168
Neéra	169
Apathía	170
Chlorose	171
A sereia	172
Fundo hyperbolico	173
A passagem de Venus	174
Afago de centauro	175
Margarida	176





EDIÇÕES PONGETTI
POESIAS

Ary Mesquita

LUZES E REFLEXOS

A CABAMOS de lançar este novo e magnífico livro, onde o brilhante poeta ARY MESQUITA enfeixou as suas mais belas poesias originaes e traduzidas.

As primeiras, pela nobreza da inspiração e sinceridade do sentimento, as segundas pela admiravel mestria da intrepidação, originalidade dos processos de suggestão sentimental, e ambas pela opulencia da lingua, pela forma castiça e elegante em que resplandescem.

As traduções de Schiller, Heine, Chamisse, Goethe, Byron, Moore, Stecchetti, Victor Hugo, Heredia, Derouléde, Ronsard e Richepin, todos feitos directamente são uma verdadeira preciosidade para a nossa litteratura.

Com este livro admiravel, quer sob o ponto de vista puramente artistico, quer sob o aspecto linguistico, ARY MESQUITA firma o seu valor na poesia brasileira.

O volume brochado 5\$ — Encardenado 8\$

Osorio Dutra — DENTRO DA NOITE AZUL

Este é o livro mais recente do brilhante poeta de Céu Tropical e Castellos de Marfim, obras premiadas pela Academia Brasileira de Letras.

O volume br. 6\$

Paulo Gustavo — DIVINA AMARGURA

Segunda edição do livro de estréa do fino poeta que o Brasil tanto admira, apresentada agora n'um delicado volume, formato mignon, illustrado.

O volume br. 4\$

IRMÃOS PONGETTI — Av. Mem de Sá 78
RIO DE JANEIRO